



Universidade Estadual de Londrina

Centro de Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

Leonardo Henrique de Souza

**VILA CASONI (1930 -1950): FUNDAÇÃO BASEADA
NO DEPOIMENTO DE DOMINGOS CASONI.**

LONDRINA

2018

LEONARDO HENRIQUE DE SOUZA

**VILA CASONI (1930 -1950): FUNDAÇÃO BASEADA
NO DEPOIMENTO DE DOMINGOS CASONI.**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de História. Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Santana

LEONARDO HENRIQUE DE SOUZA

**VILA CASONI (1930 -1950): FUNDAÇÃO BASEADA
NO DEPOIMENTO DE DOMINGOS CASONI.**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de História. Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Santana

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcio Santana
Universidade Estadual de Londrina

Prof.
Universidade Estadual de Londrina

Prof.
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que me apoiaram durante todo o processo de graduação, acredito que cada passo tenha sido fundamental, mas dedico em especial este trabalho ao melhor amigo que a Universidade me proporcionou, porém, a vida me tirou, este trabalho é dedicado a Allan Diego, amigo no estágio, amigo na Universidade, e principalmente amigo na vida, aquele que esteve presente desde o princípio, quando não havia nem mesmo ideia para tal projeto, mas devido a uma fatalidade não pode conferir o desfecho.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Márcio Santana, orientador, apoiador de todas as etapas deste trabalho.

A minha família, pela confiança e todo o alicerce durante a graduação.

Aos amigos e colegas, pela motivação e conversas durante toda esta jornada.

Aos professores do Curso, pois desempenharam um papel importantíssimo nesta caminhada.

A todos os funcionários do NDPH, que auxiliaram com a disponibilização das fontes, conversas, apoio e pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo.

A todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

E um agradecimento final a meu falecido amigo Allan Diego que esteve presente durante todo o processo, mas não pode acompanhar o desfecho.

SOUZA, Leonardo Henrique. **Vila Casoni (1930-1950)**: fundação baseada no depoimento de Domingos Casoni. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de História. Centro de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina, Ano.

RESUMO

O presente trabalho se pauta na construção da história local, especificamente a fundação do bairro Vila Casoni. A ideia é apresentar uma proposta acerca da fundação de Londrina, e concomitantemente a este processo a formação do bairro londrinense, Vila Casoni. Conceber na estrutura do estudo a formação da cidade auxilia na incorporação do contexto, um norte edificador, para que seja possível realizar um recorte temporal, e delimitar o espaço a ser trabalhado. Londrina passou por um “forte desenvolvimento” em um período de crescente brasileira, “estampada nas prateleiras” das grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, cidades marcadas por uma forte modernização em diversos setores, e meio a todo este processo a cidade aparece no cenário brasileiro como “capital mundial do café”, um ganho considerável de visibilidade, fortalecimento econômico e estrutural, em busca de prestígio. Nesta fase de melhorias, é notável uma forte migração, provinda da venda das terras, fato que expandiu a planta original da cidade. Com esta desfiguração surgem bairros como: Vila Yara, Vila Casoni, Três Figueiras entre outros. Esta amplificação do espaço gera o objeto deste estudo, o supracitado bairro londrinense. Identifica-lo neste cenário, de forma que seja possível entender as ramificações provenientes da modernização de Londrina, as causas e consequências das medidas tomadas para sustentar o superávit da cidade.

Palavras-chave: Vila Casoni; Modernização; Memória.

SOUZA, LEONARDO HENRIQUE. *Vila Casoni (1930-1950): foundation based on the testimony of Domingos Casoni.* MONOGRAPH FOR THE DEGREE IN HISTORY. CENTER OF LITERATURE AND HUMAN SCIENCES. LONDRINA STATE UNIVERSITY, ANO.

ABSTRACT

The present work focuses on the construction of local history, specifically the foundation of the Vila Casoni neighborhood. The idea is to present a proposal about the founding of Londrina, and concomitantly to this process the formation of the Londrina neighborhood, Vila Casoni. To conceive in the structure of the study the formation of the city, helps in the incorporation of the context, a building north, so that it is possible to realize a temporal cut, and to delimit the space to be worked. Londrina went through a "strong development" in a period of growing Brazilian, "stamped on the shelves" of large capitals like Rio de Janeiro and São Paulo, cities marked by a strong modernization in several sectors, and through all this process the city appears in the Brazilian scenario as "coffee capital of the world", a considerable gain of visibility, economic and structural strengthening, in search of prestige. In this phase of improvements, a strong migration from the sale of land is remarkable, a fact that expanded the city's original plan. With this disfigurement, neighborhoods such as: Vila Yara, Vila Casoni, Três Figueiras and others. This amplification of space generates the object of this study, the aforementioned London neighborhood. It identifies it in this scenario, so that it is possible to understand the ramifications coming from the modernization of Londrina, the causes and consequences of the measures taken to sustain the city's "surplus".

Key Words: Vila Casoni; Modernization; Memory.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIACÕES

- CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná.
- IPAC/LDA - Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina.
- NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.
- CMNP - Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.
- CBD - Central Bussines Direct.
- NOBRADE - Norma Brasileira de Descrição Arquivística.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
1.1 - JUSTIFICATIVA	3
1.2 - REVISÃO TEÓRICA	6
1.3 - METODOLOGIA	8
1.4 – Problema e hipótese	12
CAPÍTULO I - LONDRINA: ABORDAGENS SOBRE SUA FORMAÇÃO.	14
2.1 – A relação dos ingleses com o Norte do Paraná	14
2.2 – Primeiros passos de sua formação.	16
2.3 A Companhia de Terras Norte do Paraná e outros agentes no progresso de Londrina	19
CAPÍTULO II - VILA CASONI, FUNDAÇÃO E PATRIMÔNIO.	29
3.1 – Lugar de Memória e a relação com as fontes	29
3.2 – Domingos Casoni, influência no processo de formação	34
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5 – REFERÊNCIAS	45
5.1 Fontes	45
5.2 Bibliografia	45
6 – ANEXOS	48
6.1 Fotos da pasta polionda e caixa arquivo:	48
6.2 Fotos das fontes utilizadas:	49

1.INTRODUÇÃO

O presente projeto planeja discorrer sobre a fundação do bairro londrinense denominado Vila Casoni, a partir de seus elementos históricos, por meio do campo historiográfico, definido como história local, possibilitando a construção de uma identidade social. Em busca de definir o que se entende por estes dois conceitos (história local e identidade social), a concepção de história local se pauta nas ideias de Silvio Marcus de Souza Correa (2002)¹ como um enquadramento em um longo processo durante a História, e identidade social definida como “o reconhecimento de si próprio como sujeito da história”, segundo Joana Neves (1997)², é justamente este enquadramento e este sujeito com papel determinante na história que se almeja neste trabalho. A partir deste recorte se torna possível enxergar as relações pretendidas, por isso é relevante que haja compreensão sobre o espaço estudado para entender tais relações; individuais (sua com o local) ou coletivas (de um todo com o local). São necessários alguns conceitos e algumas noções auxiliadoras, para analisar um bairro londrinense em específico.

A premissa básica é realizar um recorte temporal e delimitar o espaço almejado, pois estes prismas são a base para erguer a estrutura planejada, visto que são necessários um período e um lugar a ser estudado. Mediante as transformações geradas no espaço londrinense, é viável exemplificar o que se entende como território e processo de urbanização, sendo um agente facilitador à estruturação do estudo - a elucidação destes conceitos é uma das propostas a *posteriori*³. A expressão aplicada sobre território se dá no campo das relações sócio históricas, bases iminentes no ideal do projeto, detentoras da prévia necessária para formar uma identidade, pautada na multiplicidade de elementos que possam ser encontrados fora ou dentro dos limites deste espaço, neste quesito a historiografia é fundamental para compreender tais fatores como; as desigualdades (notável entre os moradores dos novos bairros e aqueles que moravam no centro da cidade), as dissemelhanças mencionadas no processo de modernização, a formação de identidade, elementos marcados pelo desenvolvimento, ou retrocesso, exatamente o que se procura uma realidade local, dentro dos limites do espaço pretendido.

¹ Termo extraído da obra *História local e seu devir historiográfico* (2002).

² Termo extraído da obra *História local e construção da identidade social* (1997).

³ *Posteriori* vem do latim, significa o que vem depois.

O primeiro capítulo tem a função de explicar o processo de formação da cidade de Londrina, pois não há como analisar a fundação de um bairro londrinense sem levar em consideração determinados aspectos que constituem a cidade, não se trata de um estudo minucioso, afinal o intuito não está na formação da mesma, este entendimento é um dos pilares deste processo, mas não o cerne, o que é sustentado por estes pilares é o essencial - a formação do bairro Vila Casoni. A composição deste capítulo está no espaço londrinense propriamente dito, desde antes de sua formação, até o seu desenvolvimento (sua configuração, antes até da planta original ser desenvolvida, até as modificações impostas pelo processo de modernização), e na participação da Companhia de Terras Norte do Paraná, como agente responsável por lotear e vender as terras. O primeiro capítulo foi pensado nesta sequência com enfoque nas medidas tomadas para sustentar este pilar. O processo metodológico neste capítulo implica em explorar diversas fontes doadas ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), seja na biblioteca geral do acervo, ou em coleções distintas.

O segundo capítulo, tem como objetivo explorar a fundação do bairro londrinense, pondo a vista do leitor suas singularidades e a noção de pertencimento dos moradores integrantes do bairro, o processo metodológico neste capítulo implica em analisar fontes doadas pelo Inventário e Proteção ao Acervo Cultural de Londrina (IPAC/LDA) ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), pois nesta atividade, o privilégio está em exercer o trabalho de historiador, na perspectiva de lidar com fontes concretas ligadas a um acervo histórico, fruto de um material riquíssimo doado, e não apenas utilizar os documentos, mas higieniza-los, realizar a separação coerente, todo o processo de armazenamento do documento desde sua chegada, além de outros recursos disponíveis sobre o tema.

Uma divisão simples em dois capítulos, pois a intenção é ser o mais lucido possível no estudo, desta forma a compreensão se torna algo automático. Assim, o trabalho pretendido consiste em evidenciar a fundação do bairro concomitantemente ao desenvolvimento da cidade, pois o bairro não pertencia a planta original da cidade, mas como medida da organização presente o espaço acabou sendo vendido para figurar a formação conhecida hoje como Vila Casoni. Exposto desta forma parece algo simples de ser realizado, mas as implicações nesta origem é o que se pretende, já que existem frutos desta árvore (espaço do estudo), tais como; a modernização da cidade, expansão populacional, e com isso o processo de

formação de identidade - sentimento de pertencimento. Mas, é necessário entender de onde estas pessoas vieram e qual o intuito na região, todos estes temas fazem parte da estruturação do projeto.

Dos vários motivos que levantaram a proposta se pode dizer que a fundação do bairro possui um significado valioso a história local, a forma como as pessoas concebem a criação do bairro, o sentimento identitário, o processo migratório, a razão pela qual os indivíduos abandonaram sua cidade natal para vir a Londrina, ou seja, neste pequeno recorte existe um agravante de situações.

Das várias abordagens realizadas uma atenção especial deve ser dada a alguns vícios cometidos quando se pretende analisar a história local, vícios estes tratados na obra de Joana Neves (1997 p 24); “localismo/bairrismo” tratar o local como centro de todo o mundo; a “fragmentação” quando a história local deixa de pertencer a um tempo e a “folclorização” que seria pensar em um povo original, com características únicas, vestindo seu traje de arrogância, onde aqueles que não se sentem à vontade podem abandonar o local, temores presentes em alguns estudos sobre a história local, o ideal é analisar pontos significativos a historiografia, tomar estes cuidados não deve significar abrir mão da compreensão do espaço, só é necessário que haja coerência.

1.1 - JUSTIFICATIVA

O ensino de história, aborda a temática de que a historiografia está em constante mudança, ao passo que vários estudos são realizados sobre os mais diversos assuntos, acrescentando cada vez mais ao arsenal histográfico, acerca destas pretensões surge à ideia em desenvolver tal projeto.

A investigação é fruto de um acervo do IPAC⁴, doado a instituição do NDPH⁵, onde alguns documentos são de extrema relevância as competências da Universidade, e o que torna estes objetos relevantes para a pesquisa é dota-los de significado, o NDPH promove a proteção e o ambiente necessário para que estes documentos dialoguem com o espectador, segundo Penna e Froner (2014, p. 92)

⁴ O "Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina - IPAC/LDA" nasceu em 1986, na UEL, como projeto de extensão. Desenvolve uma política de conhecimento e intervenção no Patrimônio Material e Imaterial na região Norte do Paraná.

⁵ Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica – NDPH, mantém sua orientação primeira em torno do tema História Local/Regional, possuindo coleções sobre Londrina e o Norte do Paraná.

Um objeto, então, é valorizado quando é protegido, conservado ou reproduzido, quando fala aos ouvidos e aos olhos. Quais seriam as condições para que seja atribuído um valor ao objeto? Para atribuir um valor a um objeto por um grupo ou por um indivíduo, é necessário que ele seja carregado de significado.

Para haver este diálogo com o espectador são necessários alguns parâmetros, pois atribuir um valor a esse novo arranjo é uma prioridade encontrada inclusive na fala de Zélia Lopes da Silva (2006, p. 19),

Com o objetivo de garantir sua preservação, esses materiais passaram a integrar os acervos particulares ou lugares especialmente reservados para sua guarda, sob a proteção do olhar da coletividade, e dispostos a partir de certos critérios de classificação que ao mesmo tempo, foram construindo os parâmetros para essa seleção e atribuição de valor a esse novo arranjo.

Tendo em vista atribuir um novo valor ao acervo doado (novo valor, pois o acervo corresponde aos inúmeros aspectos do desenvolvimento de Londrina, e não é propriamente voltado a esta linha de pesquisa - as consequências deste desenvolvimento na planta original, mais precisamente a formação da Vila Casoni) que o estudo foi projetado, os documentos se encontram nas dependências do NDPH, e segue uma separação lógica de acordo com a especificidade do mesmo, justamente por tais motivos o acervo da Vila Casoni chama a atenção para ser desenvolvido.

Uma das atribuições deste estudo é demonstrar o valor do uso deste acervo, já que “eles também representam o invisível e são dotados de significado e, por isso, são qualificados de semióforos⁶, mesmo que estejam fora do campo dos objetos úteis que podem ser consumidos” (SILVA, 2006, p. 19), o foco é realmente tornar fecundo o acervo, pois a diversidade mesmo nesta pequena separação do montante é vasta, o que coincide com a proposta de trazer à tona esta realidade local a fim de explorar a memória para entender as relações e o meio averiguado, pois segundo Silva (2006, p. 20)

Pela sua capacidade de evocação do passado, os documentos, sob a guarda desses “lugares da memória”, são vistos como testemunhas de uma época, mas testemunhas que carregam uma interpretação, uma visão, uma memória coletiva que se quer preservar...

⁶ É um termo utilizado pela autora Marilena Chauí (2001) em seu livro: **Nação como semióforo**, para descrever algo que é fecundo.

O exigido desta testemunha é realizar as perguntas certas, é saber retirar o bom fruto, pois se feito o processo correto a chance de tornar fecundo o acervo é maior, existe um desafio mutuo neste processo, uma espécie de dependência, visto que só haverá testemunhas se este “lugar de memória” cumprir a dinâmica intrínseca nesta relação, ou seja,

O desafio é imprimir uma dinâmica para o seu funcionamento, de modo que esses lugares estejam em sintonia pelo menos com a própria memória coletiva, como algo também em movimento e em constante renovação, e que traduzam a pluralidade de interesses que marcam a sociedade brasileira, garantindo aos seus cidadãos o acesso a esses bens culturais, já que é um patrimônio de todos, resultante de relações sociais inscritas no tempo e espaço. (Ibidem, 2006, p 22)

A partir deste movimento com os documentos em mãos é que o pesquisador insere sua metodologia como forma de diferenciar a memória da história, para que não haja substituição de função.

Esta relação espectador/acervo dialoga com a perspectiva da pesquisa - analisar tais documentos doados a fim de enriquecer o estudo sobre o processo de formação da Vila Casoni. A falta de conhecimento sobre a estruturação destes objetos torna mais difícil interagir com o mesmo, por isso a intenção de utilizar estes documentos como ponte ao entendimento deste patrimônio.

O bairro londrinense é um patrimônio arquitetônico da cidade de Londrina, fonte de pesquisas, proveniente de inúmeros processos, concomitante ao desenvolvimento de Londrina, e recurso para analisar tais acontecimentos.

Para entender este patrimônio e seu processo de fundação, com a adesão de tais documentos o estudo sobre a memória é muito importante, trabalhar a memória neste caso é um longo processo, que deve seguir determinados limites. Uma pretensão é evidenciar que a memória passa por mudanças e sua aceitabilidade e credibilidade é fruto de uma longa interpretação e utilização, o modo como se opera este material delicado é fundamental para entender sua elaboração, a reflexão de que a imagem passada sobre o bairro pode passar por transformações em função dos outros é de suma relevância, pois é deste modo que chega a formação da identidade, segundo Pollak (1992, p. 204)

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em

referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Utilizar depoimentos de moradores do bairro é uma das propostas a ser realizada, porém não é apenas jogá-los em uma sequência que apresente uma estética e importância razoável, mas aplicar em uma relação formadora do espaço e refletir se houve ou não transformações nestes discursos.

O intuito de atribuir a esta análise o uso da História Oral, imagens, documentos, cartas dão mais credibilidade a pesquisa, estes elementos possibilitam cada vez mais a transposição de conhecimento e aplicabilidade em estudos, além de serem ferramentas necessárias para o trabalho do Historiador, pois são as fontes motrizes dos estudos, e esta intermediação com o documento faz com que o trabalho flua,

O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária. Não acredito que hoje em dia haja muita gente que defenda essa posição. Agora, é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa (POLLAK, 1992, p 207)

As atribuições até o presente momento são pertinentes para evidenciar que o centro da pesquisa é um ponto de vista sobre a formação do bairro Vila Casoni, de modo que seja possível relacionar diversos elementos estruturalmente necessários para que a análise possa transcorrer de maneira natural e atinja os objetivos pretendidos, através da utilização de fontes, conceitos, gráficos entre outras ferramentas que dialoguem com o cotidiano do historiador, e que enriqueça a pesquisa, elementos coesos com a transposição apresentada. A ideia é utilizar todos estes documentos frutos ou não do IPAC, pois só tendem a acrescentar ao estudo, além de ampliar o leque da análise.

1.2 - REVISÃO TEÓRICA

Atualmente muitas pesquisas foram realizadas a partir da cidade de Londrina, visando sempre um aspecto crescente. O aprofundamento no estudo sobre a história

local é cada vez mais analisado, sob o custo de entender os fenômenos presentes, e ampliar a ideia de identidade. O desenvolvimento da cidade, especificamente, foi bem explorado e em diferentes abordagens, seja na criação de leis, pavimentação de ruas, iluminação, fundação de colégios, várias vertentes. Para este projeto interessam estudos que fomentem ideais a fundação de novos bairros, progresso econômico, políticas de expansão, além de pesquisas que edifiquem à compreensão das medidas tomadas para suportar o desenvolvimento londrinense, pois o fruto do trabalho é consequência deste movimento.

Dentro deste corpo bibliográfico é interessante ressaltar os documentos doados pelo IPAC ao NDPH, pois como estagiário deste Núcleo o exercício presente da separação de fontes e conservação é gritante, logo utilizar estes documentos doados como arsenal para desenvolver o estudo se torna mais gratificante, pois há neste processo um duplo movimento, a ideia de dialogar com a fonte, ferramenta prática ao historiador como aponta Zélia Lopes da Silva (2006), e a preservação do “lugar de memória”, pois estes documentos fornecidos ao NDPH uma vez utilizado só tendem a atribuir mais credibilidade ao Núcleo, para que os pesquisadores possam enxergar a diversidade encontrada nestes espaços. Além do vasto acervo, outras pesquisas também se mostraram relevantes para compreender a fundação do bairro londrinense, como “Território, Gestão e História: um estudo da Vila Casoni, Londrina PR” de Luciano Márcio Freitas de Oliveira e Maria Luiza Amaral Rizzotti, que seguem a trajetória de explicar os fatos ocorridos no centro de Londrina, que impulsionaram a expansão, algo similar a esta pesquisa.

A compreensão sobre a criação do bairro Vila Casoni conta com um pequeno corpo bibliográfico, composto por autores como Humberto Yamaki, Milena Kanashiro e Lara Cristina Andreotti Torres com seu artigo “Reabilitação Urbana Vila Casoni – Vilas como Transformações Aditivas”; Tânia Maria Fresca com “A área central de Londrina: uma análise geográfica”, que explora o desenvolvimento de algumas vilas no entorno da planta original.

Quando o assunto é a própria cidade de Londrina e seu processo de formação a gama de informações é muito maior, o leque é ampliado, pois não há como entender a fundação do bairro Vila Casoni, por exemplo, sem a compreensão do desenvolvimento da cidade, o movimento é intrínseco, logo é vital tal entendimento para vários aspectos almejados. Diversos autores retratam um olhar sob diferentes pontos de Londrina, mas em um determinado momento de sua obra

retornam suas atenções ao progresso da cidade, como é o caso de Antonio Paulo Benatti “O centro e as margens: Boêmia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina: 1930-1970)”, que estuda personagens marginalizados, em um momento favorável a economia de Londrina, no ápice do café, onde vários detentores de terras viam no prostíbulo e na boemia um modo de vida, em diversos momentos de sua obra ressalta os aspectos responsáveis pelo desenvolvimento de Londrina, como a venda dos lotes, a administração da CTNP, as propagandas entre outras artimanhas.

Estes estudos são importantes para aumentar cada vez mais o arsenal sobre a história local, e ampliar a capacidade de auxiliar na produção de uma identidade social, por isso vários autores retratam os diversos aspectos presentes no desenvolvimento de Londrina. Assim, o estudo sobre a fundação da Vila Casoni reflete como uma ferramenta de investigação, visto que estas vilas só complementam a ideia de uma cidade rumo ao progresso. Evidentemente não se deve adotar por verdade o que dizem as fontes históricas, nem tornar os fatos passados como uma realidade da maneira como são descritos, é preciso compreendê-las e problematizá-las dentro de seus próprios contextos.

1.3 - METODOLOGIA

O que se propõe neste projeto é analisar os documentos doados pelo IPAC, juntamente com outros materiais historiográficos, a fim de aprofundar o estudo sobre a fundação da Vila Casoni, e a noção de realidade local intrínseca a origem do bairro. Baseado nos já citados elementos necessários para alcançar esta realidade local, alguns prismas são tratados como chaves para entender este processo, tais como; a migração para o norte do Paraná, fatores que impulsionaram a economia, estabelecimento das famílias, formação de identidade, organização territorial, administração política, elementos formadores do cidadão e de sua cidadania, “pois cidadania significa vida ativa no território, onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e solidariedade, as relações de poder” (KOGA, 2003, p 33). Semelhante à ideia proposta de que território não seria apenas uma marcação, mas um conjunto de atribuições presentes nas relações sócio históricas.

Outro fator importante para complementação da análise seria a definição do termo cidade, que na visão pretendida, cidade é tratada como uma concentração

humana provinda da indústria, precisamente do comércio onde o desenvolvimento econômico é uma das matrizes responsáveis pela expansão das áreas urbanas, todavia esta expansão ser taxada significativa em Londrina é uma questão de perspectiva, se o termo cidade for analisado como a relação do homem com o desenvolvimento, então houve algo significativo, visto que Londrina partiu de terras vazias⁷ a um centro em desenvolvimento em poucos anos, porém se comparadas as grandes metrópoles a relação homem/desenvolvimento é grotescamente maior, não deixa de existir este ciclo em Londrina, mas não segue os mesmos princípios, mesmo que “em tão pouco tempo, tão elevados índices de progresso, índices que bem refletem a crescente expansão econômica do norte do Paraná, cuja história é no entanto adulterada” (JOFFILY, 1985, p. 31), sejam expostos não é lúcido realizar a comparação literal. Tratado o que se pretende por cidade, os conceitos de expansão acompanham esta teoria, e compreender as causas desta amplificação em Londrina é fundamental, visto que era um espaço rural, cercado por outros meios iguais, e justamente estes espaços rurais como é o caso da cidade supracitada tendem a apresentar o progresso de forma acelerada,

Geralmente, as cidades em rápida expansão localizam-se próximas a zonas rurais empobrecidas, sendo uma solução para a miséria vivida pela população. Em alguns casos, porém, a concentração populacional viabilizou o desenvolvimento industrial devido à disponibilidade de mão de obra (RAMINELLI, 1997, p. 179).

Se houver investimento e mão de obra, a chance de obter “evolução” aumenta. Nesta fala observamos dois pontos importantes para a compreensão da proposta, um deles seria o crescimento pautado nas proximidades com as zonas rurais, o que coincide com as fortes migrações ocorridas em Londrina, principalmente visando melhores condições de vida, seja para donos de terras ou trabalhadores rurais, e o segundo ponto o aumento da mão de obra, vale ressaltar que não havia um polo industrializado neste momento, mas o pouco encontrado se deu devido alguns fatores, apontados por Raminelli (1997) onde a energia, as estradas de ferro e a concentração populacional, viabilizam o desenvolvimento industrial da cidade. Em Londrina é possível encontrar alguns dos pontos citados, interesses provindos de um investimento forte de capital, e justamente “os novos

⁷ Terras vazias neste contexto é um termo utilizado baseado na visão dos ingleses, evidente que já havia moradores no local, porém para estes europeus a presença dos moradores locais não influenciou.

interesses do capitalismo promoveram o surgimento de uma nova concepção de espaço”, (Ibidem, 1997) ideia corroborada por outros autores como é possível identificar na fala de Pesavento (1995, p. 281);

Mas é sobretudo com o advento do capitalismo que se impõe a “questão urbana”, colocando diante do Estado a exigência de um *modus vivendi* normalizados do “viver em cidade”. Processos econômicos e sociais muito claros delineiam-se, transformando as condições da existência: concentrações populacionais, migrações rurais, superpovoamento e transformação do espaço assinalam o crescimento e configuração das cidades.

Elementos capitalistas não faltaram no projeto londrinense. Estes inúmeros componentes citados suscitam o debate que alimenta este projeto, voltado para a aplicação de tais atribuições, e como estas colocações mudaram este espaço londrinense. Esta impulsão gerada pela busca de aumentar o capital ocasionou as transformações estudadas, a ideia é dimensionar alguns conceitos extremamente necessários para a desenvoltura da pesquisa, sendo território, espaço e transformação urbana, essências para a discussão.

Algo que deve estar bem claro até o momento é que não houve intenção de colocar uma carga sobre Londrina, a fim de exaltar uma urbanização que acompanhasse os moldes das metrópoles, mas sim exemplificar a ideia de território como fruto das relações, e de espaço longínqua a uma demarcação geográfica, visando o sentimento dos indivíduos formadores deste dito espaço. Fatos iminentes a ideia de que as limitações são frutos locais, pertencentes a esta historiografia local, como aponta estudo presente sobre o estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente em Porto Alegre em meados de 1930, centro que não acompanhava o mesmo ritmo de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, e era tratado como área em urbanização devido às construções no local e a este sentimento identitário;

Mesmo que o processo de renovação urbana em curso não se aproximasse, em termos de escala, do das metrópoles reais que suportavam o conceito, a população afetada pelas demolições vivenciava a situação como pertinente ao acesso à modernidade. Em suma, os porto-alegrenses sentiam a sua cidade como metrópole e a representavam como tal em crônicas de jornais, poesias, imagens e discursos variados (PESAVENTO, 1995, p 282).

Exatamente a proposta pretendida, “temos um imaginário social sobre a cidade-metrópole que não possui correspondência com o concreto”, (Ibidem, 1995) e

quanto mais alimentada for, maior será sua força, e este imaginário é justamente a propositura visada, entender as relações do espaço, como um processo de formação de identidade. Este sentimento (imaginário), impulsionou a expansão da cidade e concomitantemente a criação de novos bairros, como a própria Vila Casoni, um bairro pioneiro na cidade paranaense.

Outro método trabalhado e muito relevante para entender a estruturação proferida - a utilização da memória, esta pretendida para relacionar os movimentos marcados na história com o elo vivenciado por moradores do bairro, todavia existem algumas dificuldades como nos é apontado,

Finalmente, no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias coletivas e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p 201).

Edificar a memória é sempre algo trabalhoso, pois como afirmado interpretar o material é complexo. Está memória possui alguns componentes que a classificam, não é algo exato, a pessoa marcada por esta memória sofreu um processo de construção, porém existem algumas maneiras constitutivas de efetivar este elemento;

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.... "É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada" (POLLAK, 1992, p. 201).

Uma memória herdada não transmite a mesma sensação daquele que vivenciou, nem a mesma preciosidade de detalhes, pois pode sofrer mudanças de acordo com o ouvinte ou locutor, desta forma perde-se a essência do relato, já que o locutor enfrenta algumas dificuldades em transmitir, como a recordação de lugares, personagens, datas específicas, algumas datas não seguem a estruturação cronológica, mas ficam marcadas no imaginário do locutor, este assimila as datas de fatores externos pautado em momentos importantes de sua vida, como o nascimento

de seu filho, o casamento, primeiro emprego, e a partir destes marcos associa as mudanças ao seu redor. Evidente que se o entrevistado for uma figura pública os acontecimentos na cidade são melhores assimilados. Uma analogia para entender esta questão seria o próprio celular e seus aplicativos como o WhatsApp, onde você recebe várias fotos pertencentes a memória de alguém, que passam a fazer parte do seu repertório, até o momento que em seu celular não haja mais espaço, o que te obriga a excluir algumas fotos, muitas vezes você mantém as recebidas e exclui algumas pessoais (fotos tiradas em um mesmo local), ou seja, temos o processo de memória herdada, você até estava no mesmo ambiente onde aquela pessoa registrou o momento, mas não a viu capturar, mas como lhe foi compartilhada está inserida em seu arsenal de informações e você transmite como se fosse seu, e se caso alguém questione a imagem repassada, é possível contar, mas não terá a mesma riqueza nos detalhes de quem capturou realmente o momento, o que o levou a capturar entre outros aspectos. Mesmo com estas diretrizes, segundo Pollak (1992) “Não se deve, portanto, considerar esses aspectos como indicadores de dissimulação ou falsificação do relato“, mas sim entender a ligação do personagem, ou seja, esta memória é “seletiva”, e o ponto alto do trabalho é como selecionar tal memória (POLLAK, 1992).

Estes conceitos introdutórios são ponderosos para o cerne do estudo, entender como o processo de urbanização de Londrina motivou a criação de novos bairros, principalmente o centro da pesquisa, a Vila Casoni. Por mais que o foco seja o bairro londrinense, parte da atenção é voltada para explicar esta urbanização da cidade, pois temos um efeito dominó, não há criação do bairro sem desenvolvimento da cidade, desta forma há a necessidade de explanar sobre este momento.

1.4 – Problema e hipótese

Quais medidas são necessárias para entender o processo de formação da Vila Casoni?

Algumas dificuldades provenientes do trabalho foram apontadas com o intuito de introduzir o leitor a pesquisa, de modo que toda a estruturação respeite as propostas inseridas até o presente momento. Como forma de direcionar este leitor nos caminhos da análise é relevante expor os objetivos, antes observáveis (porém coberto meio a conceitos especificamente elucidados), agora posto a vista para que

fique claro os pontos atingidos. O supracitado processo de urbanização de Londrina é uma das hipóteses proferidas na estruturação do estudo, elucidar certos aspectos presentes no processo de desenvolvimento da cidade é um dos pilares que sustentam o cerne pretendido, e para erguer tal projeto os conceitos são extremamente importantes para o bom entendimento. Mostrar como o processo de desenvolvimento da cidade é combustível para chegar percorrer este caminho, pois concomitantemente a este processo novos bairros foram erguidos, e só foram sustentados, pois diversos pilares norteiam a base desta criação, que gira em torno de algo muito complexo, pois esta criação não surge meio a um único elemento, mas sim a diversas ações e contravenções adotadas para que o mesmo apresentasse progressão, o problema está justamente em entender e inseri-las de forma vistosa e coerente.

Capítulo I - Londrina: abordagens sobre sua formação.

2.1 – A relação dos ingleses com o Norte do Paraná

É impossível conhecer a colonização do norte do Paraná sem passar pelo nosso endividamento externo, assim como seria absurdo conhecer a colonização do Brasil sem passar pelas capitânicas hereditárias. (JOFFILY, 1985, p. 34).

A história de Londrina está muito associada à presença marcante de investidores ingleses, fato é que uma fama positiva acerca destes supostos salvadores do Estado do Paraná foi criada, mas esta relação entre os ingleses e os brasileiros antecede a história de Londrina.

Para explicar esta relação, o presente trabalho se pauta no roteiro cronológico e na obra de José Joffily “*Londres-Londrina*”, publicada em 1985⁸, que tem como um dos objetivos detalhar esta aproximação dos ingleses com o Brasil. Estabelece um quadro cronológico para demonstrar uma sequência de fatos em uma espécie de efeito dominó.

Em 1922 o governo de Epitácio Pessoa realiza um empréstimo junto ao banco N. M. Rothschild & Sons⁹ de aproximadamente 9 milhões de libras, e novamente em 1923 é a vez do então presidente Artur Bernardes efetuar um empréstimo do mesmo banco, só que quase três vezes maior, aumentando a dívida externa. Expor esta dívida brasileira com os ingleses é conveniente, pois é a partir deste fato que eles conseguem adentrar em solo brasileiro. Os credores em Londres já em 1923 começam a exercer extrema pressão em busca do pagamento, e como forma de minimizar a situação, simulam um convite feito pelo presidente para que os ingleses viessem até o solo tropical. É através desta pressão imposta, que em novembro do mesmo ano, o presidente aceita esta simulação, como se o convite partisse daqui.

Com pressa, um mês depois (dezembro de 1923) o Brasil recebe a Missão Montagu no Rio de Janeiro, chefiada pelo Lord Montagu, com o intuito de analisar a situação financeira do país, pois

⁸ Também presente nas dependências do NDPH, no acervo da biblioteca geral.

⁹ N M Rothschild & Sons é um banco da família Rothschild. Foi fundado em Londres em 1811.

Naquele tempo a política externa da Inglaterra partia do princípio segundo o qual os países pobres, dentro do quadro de dificuldades do mundo moderno, ainda não estavam preparados para o exercício da autodeterminação. Mas, o bem-estar e o desenvolvimento desses povos eram considerados “um encargo sagrado da civilização” e sua realização deveria ser confiada às nações adiantadas e experientes, o que vale dizer – colonizadoras. (JOFFILY, 1985, p. 41)

Os ingleses na verdade pareciam repetir a risca o acordo realizado em 1920 na cidade de Genebra, conhecido como o Pacto da Liga das Nações¹⁰, mais precisamente as formulações impostas no artigo 22, e a aceitação do governo brasileiro só demonstraram que,

...outro não era o pensamento do nosso governo quando se prestou a assumir um convite forjado pelos nossos credores de Londres. Na realidade o governo brasileiro jamais formolou convite algum a N. M. Rothschild & Sons ou a seus emissários, inclusive a Lord Lovat. (Ibidem, 1985, p. 41)

Essa falsa versão do convite foi divulgada pelo Jornal do Commercio¹¹ no dia primeiro de janeiro de 1924, onde teoricamente os ingleses agradecem o convite brasileiro por aceita-los e entender a dimensão de seus interesses. Estas inúmeras situações só demonstram uma “postura subalterna, primeiro, pela preocupação de coonestar um hipotético convite, e, além disso, ocultá-lo da imprensa” (JOFFILY, 1985, p 43), atos que causaram um impacto negativo na fama entre os países por parte de muitos da própria imprensa, e pessoas ligadas ao exercício da política, o que contrastava uma possível relação entre duas nações amigas, visto que o negócio partia de pequenas classes tanto do lado europeu quanto brasileiro, um jogo de interesses.

Ainda pautado nos conhecimentos de José Joffily (1985, p. 49), é possível concluir que a ideia de que os ingleses vieram investir no Brasil, com o simples propósito de auxiliar no desenvolvimento, na estruturação do país, como uma forma de prestação de serviço e ajuda a uma nação amiga, é fictícia, as terras roxas do

¹⁰ Os artigos estão disponíveis no link < <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/his1919.htm>>, último acesso às 16:09, 29 de novembro de 2017.

¹¹ O Jornal do Commercio foi um jornal brasileiro com sede no estado do Rio de Janeiro. Até a sua extinção, foi o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Fundado em 31 de agosto de 1827.

Brasil já eram mundialmente conhecidas, devido a qualidade do café de Ribeirão Preto no estado de São Paulo, e esta versão, “a autêntica versão estava bloqueada pelo silêncio ou pela raridade de fontes idôneas. Assim, nas páginas da história do Paraná difundiu-se uma simpática imagem do imperialismo inglês” (ibidem, 1985, p.32), e até hoje em diversos arquivos historiográficos são tratados como salvadores do Brasil.

Este imbróglio gerou dúvidas interpretações; uma que os ingleses já estavam de olho no norte do Paraná, interesse que antecede inclusive esta visita deles ao Brasil, devido a fama já citada do solo brasileiro, e uma expedição realizada em 1922, outra visão seria a de que os ingleses jamais sonharam com o sucesso desta terra, e que o Brasil estava desesperado por um empréstimo para esbanjar os avanços principalmente nas duas maiores capitais – Rio de Janeiro e São Paulo, (JOFFILY, 1985, p. 49-50), adentrar nesta análise do “bom ou mau europeu” não é uma pretensão deste estudo, mas ressaltar este embate é essencial para enfim analisar a chegada dos ingleses ao norte do Paraná.

2.2 – Primeiros passos de sua formação.

O nome feliz e hoje mundialmente conhecido de Londrina, foi inspiração do senhor João Sampaio, o primeiro presidente da Cia, que assim quis perpetuar em forma brasileira a ligação da cidade com a capital inglesa. (LONDRINA (PARANÁ), Prefeitura do Município de Londrina, p. 3).

Para entender Londrina é necessário explicar o motivo de sua fundação, o processo que levou os imigrantes a depositarem sua confiança neste espaço. Para abordar este tema há um documento doado pelo IPAC/LDA (com dimensões de 22x33cm), onde inúmeros dados são fornecidos por Artur H. Miller Thomas, denominado “Fundação de Londrina” (este documento pertence a um acervo chamado “Origens de Londrina”, doado em julho de 2017), sendo ele um dos protagonistas da cidade. Este documento carrega o selo de certificação da prefeitura do município de Londrina, e devido sua importância historiográfica será a estrutura necessária para abordar este princípio da cidade paranaense.

Lord Lovat chegou ao Brasil no início da década de 1920, com intuito de averiguar possíveis investimentos no país, resguardado por uma Missão inglesa,

(Montagu) a “convite” do então presidente Artur Bernardes, o mesmo integrava uma equipe formada por especialistas em finanças e comércio. A ideia do presidente era proporcionar progresso a algumas partes do país (justamente por isso realizou o empréstimo), e a dos ingleses era buscar novos investimentos. Lovat tinha a missão de estudar o espaço brasileiro, a procura de possibilidades de investimento, e foi justamente nos espaços abertos ocupados por uma vasta paisagem natural que ele enxergou crescimento.

O que mais interessava a Lord Lovat, foram as possibilidades aparentemente ilimitadas de abertura, colonização e desenvolvimento das vastas regiões florestais que ocuparam tão grande proporção dos mapas dos estados brasileiros. (LONDRINA (PARANÁ), Prefeitura do Município de Londrina, p. 1)

O Brasil registrava um grande percentual de áreas a serem exploradas e Lovat fez questão de averiguar estes cantos do país, mas foi nos estados do sul que enxergou “condições de clima e salubridade próprias para povoamento pelos europeus” (Ibidem, p. 1), os elementos encontrados na região “como segurança de posse, meios de comunicação, transportes, serviços sociais e (o essencial para preencher estas falhas) capital em abundância” (Ibidem, p. 1), foram os atributos essenciais para a escolha de Lovat.

Em suas longas viagens Lovat chegou ao norte do Paraná (Cambará), onde pode observar “a riqueza dos cafezais e safras fortes de algodão e outras culturas” (Ibidem, p. 1), cada novo passo dado nas profundezas do estado, só proporcionava mais admiração pelas matas e terras roxas. Com todas estas particularidades Lovat viu nas terras nortenhas do Paraná uma possibilidade de arrecadar capital.

Com todas as informações retiradas ele retorna a Londres onde cria um grupo (com capital inicial de 200.000 libras) responsável por desenvolver as terras analisadas. Neste contexto o senhor Artur Thomas é convidado a deixar o Sudão e participar desta nova empreitada, devido ao seu conhecimento neste tipo de negócio, visto que no Sudão já era responsável por uma fazenda com bases corporativistas.

Com o grupo formado por Lovat “a companhia começou a estudar as possibilidades de adquirir uma área de terras no Norte do Paraná de tal extensão,

que justificaria um plano muito grande de colonização” (Ibidem, p. 2). A compra das terras não foi tarefa fácil, visto que neste período, as terras eram divididas em parte ao governo e outra a donos particulares. A insistência da companhia levou o então chefe do governo Caetano Munhoz da Rocha a auxiliar na aquisição deste espaço, guiados pelo advogado Antônio Moraes de Barros, a ideia era investigar de que maneira estes particulares conseguiram as terras nortenhas. Após investigação, alguns títulos foram notificados como falsos, retornando a posse do Estado para que fossem comprados por um preço estipulado, pelo governo. Com a posse das terras em mãos a companhia ainda teve que aguardar alguns anos para começar a investir nas atividades de colonização devido a empecilhos burocráticos, como por exemplo: o levantamento das terras e dos meios de comunicação

Com a liberação do espaço completa, a primeira etapa da construção se deu com a chegada dos primeiros auxiliares da Cia, com a “derrubada de uns dez alqueires e a construção nelas de uma hospedaria e escritório grande com armazém” (Ibidem, p. 3), neste ponto é possível dizer que os investidores se fixaram em solo paranaense. Agora despojando de estrutura para receber sua equipe, pessoas importantes como o agrimensor Alexandre Rasgulaeff, responsável por planejar o espaço, realizar o levantamento detalhado, e fazer a distribuição dos lotes, além de Alberto Loureiro, este incumbido do plantio de café e outras plantações, se acomodaram em solo londrinense.

Todos estes são passos relevantes não apenas para o desenvolvimento da cidade, mas para garantir aos investidores que a grandeza era questão de tempo. Nesta perspectiva a companhia “procurou um homem de fibra e tirocínio para guiar e dirigir este desenvolvimento e foi feliz em poder contratar os serviços de Willie da Fonseca Brabazon Davids” (Ibidem, p. 4), em 1932, sendo ele responsável por todas as atividades da companhia, e mais tarde prefeito da cidade. Fato é que os esforços deste homem foram notáveis para o desenvolvimento da região. A chegada de Willie Davids é mais uma dentre tantas que Londrina passará a receber,

Estão agora chegando tantos compradores que nos resta pouco tempo para nós mesmos. No domingo passado chegaram 20 pessoas, na noite passada 22 e hoje mais de 25 são esperados. Estamos começando a achar o hotel aqui muito pequeno. (Carta de George aos pais, 05 de abril de 1932, p. 1)

Um ciclo vicioso, pois com a chegada de novos compradores o desenvolvimento era iminente, e com este progresso mais pessoas queriam depositar seu capital na região, o que gerava cada vez mais serviço na cidade e novos objetivos, como é possível notar na fala de George em sua carta aos pais onde suponha que não “possa sair daqui por algum tempo, primeiro por causa do grande número de serviços e segundo por causa da minha carteira vazia. Além disso, quero comprar umas terras, se possível” (1932, p.1), é notório na fala de George os dois elementos mais presentes na época; o acúmulo de serviço e o desejo de investir na região.

2.3 A Companhia de Terras Norte do Paraná e outros agentes no progresso de Londrina

A História de Londrina é a história da Cia. de Terras Norte do Paraná, hoje Cia. Melhoramentos Norte do Paraná. A formação desta é devida a visão e iniciativa de um grande inglês “Lord Lovat” o qual faleceu em 1933, sem ter visto o que tanto almejava, o extraordinário desenvolvimento de Londrina. (LONDRINA (PARANÁ), Prefeitura do Município de Londrina, p. 1)

Londrina foi planejada e implantada pela Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP¹², com intuito de ser a capital da área de colonização, e sede dessa empresa, no Norte do Paraná.

A matriz da CTNP, organizada em 24 de setembro de 1925, por Arthur Thomas e Antônio Moraes Barros, dividiu as terras em lotes agrícolas para atrair colonos de todo o Brasil, principalmente os cafeicultores, afinal o foco

...era o projeto fundiário, um loteamento, isto é, dividir imensas glebas em pequenas propriedades – quer fossem chácaras, sítios, fazendas, acordes a sua área – para serem vendidas a um amplo mercado consumidor representado, sobretudo, por ex-colonos de café, imigrantes ou não, principalmente do interior do estado de São Paulo. Projeto esse que foi sendo construído entre 1924-1929, quando efetivamente a CTNP tomou posse de suas terras e montou seu primeiro acampamento com técnicos,

¹² CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná, fundada por capital britânico liderada por Lord Lovat que inicia os trabalhos na atual Londrina em 1929

topógrafos, mateiros, etc, para demarcação e posterior subdivisão dos lotes em propriedades agrícolas (FRESCA, 2007, p. 144).

Tânia Maria Fresca (2007) e Antônio Paulo Benatti (1997) analisam aspectos externos concomitantes a este momento paranaense, pois com objetivo em progresso, estes empreendedores acompanharam um período de crise e instabilidade política que marcou o Brasil, já que o país sofria influências externas em sua economia, acabou sendo afetado por uma debandada forte de crises (por exemplo a crise de 1929¹³, citada por Fresca), algumas sequelas foram deixadas, fato que impossibilitou determinados negócios e gerou risco a economia

Em nível nacional e mundial, o contexto econômico e político à época do início do loteamento não era dos mais otimistas para a venda de terras. A quebradeira geral de 1929, o drama político da "revolução" de 1930, a reação constitucionalista dos paulistas em 32, as reservas do governo brasileiro em incentivar o plantio do café, tudo isso gerava obstáculos difíceis de serem revertidos pelo negócio da colonização. Acrescente-se a isso o fato de haver "muita propaganda contrária à região, afirmando haver [nela] muita maleita e mosquito em demasia" (BENATTI, 1997, p. 63)

Como tentativa de se blindar destes percalços surge uma propaganda efetiva, com ideias de igualdade, de prosperidade, encontradas na fertilidade das terras, onde

O principal objetivo, evidentemente, era atingir compradores potenciais: pequenos poupadores, ex-colonos e imigrantes, gente de modesto cabedal, virtuais pequenos proprietários de um pedaço do paraíso. O discurso publicitário da CTNP, p. e., funcionava como uma espécie de "mapa do tesouro" (Ibidem, 1997, p. 63)

Esta via propiciou algumas mudanças, tais como a expansão do mercado de terras, que possibilitou a ascensão de alguns pequenos produtores. Fresca (2007) assim como Benatti (1997), tratam como fundamental esta influência, porque representou um dos períodos com preciosas condições facilitadoras para que colonos do café e outros trabalhadores se tornassem pequenos proprietários rurais

¹³ Grande depressão, que causou muitos prejuízos para a economia mundial, perdurou durante a década de 1930.

no norte do estado, ou seja, uma possibilidade rara para estes colonos e trabalhadores progredirem, além de uma oportunidade de comércio clara para a companhia, que desfrutou de um aumento no número de vendas dos lotes. A propaganda da companhia era muito atrativa, não apenas assegurou a venda das terras, como proporcionou uma manipulação do imaginário social, um esforço para assegurar e manter o poder da companhia. Estes argumentos são de extrema importância para ressaltar que a propaganda feita pela CTNP não partiu do zero, vários fatores influenciaram estas medidas.

Com a qualidade das terras constatadas só seria necessário ter experiência em tocar o negócio e,

Experiência não faltava aos ingleses. O plano imobiliário-colonizador da CTNP era muito semelhante ao realizado na colonização do Sudão, tendo à frente uma grande empresa imobiliária de tipo capitalista e fundando cidades em função da valorização de sua principal mercadoria, a terra (BENATTI, 1996, p. 14).

Por isso Lovat fez questão de selecionar a dedo seus convocados, pessoas de pulso firme, e que manejavam muito bem a área de vendas e comércio de terras. Estes prismas levam à máxima das vendas – lei de oferta e demanda, vários destes já citados colonos tinham interesse nas terras, elas por sua vez estavam disponíveis, o que restava era fechar o negócio, algo simples a princípio, porém com o aumento nos valores, surge um imbróglio. Após diversas tratativas, houve um consenso, proporcionando algumas formas de parcelamento para facilitar a compra dos lotes, já que estes consumidores segundo Fresca (2007, p. 147), “ex-colonos de café que haviam adquirido certa quantia de dinheiro e que era suficiente para garantirem a primeira parcela do pagamento da terra”, agora dispunham de um acordo financeiro com a companhia. Sob posse das terras estes proprietários investem no plantio de produtos alimentícios, como: arroz, feijão, milho, entre outros, e matérias primas como o algodão. Esse investimento em tais produtos, levanta um questionamento sobre a plantação de café, rapidamente sanado, visto que o plantio de café não foi efetuado em primeira instância pela demora em apresentar lucros - algo em torno de 3 a 4 anos para que houvesse colheita do produto (Primeira colheita do produto).

Os lucros aumentaram, os bons resultados encontrados em Londrina era a maior propaganda que a companhia poderia querer, já que o efeito da dependência é básico nestas questões, ao passo que a cidade crescia o número de investidores mantinha este ritmo acentuado, o que obrigou a CTNP a distribuir cada vez mais terras, convidando cada vez mais investidores - um ciclo econômico.

A tal experiência citada fica visível neste ponto, pois com as terras em mãos, e compradores aos montes, o que restava era uma boa administração, e isto envolve inclusive a distribuição das terras, era necessário entender todo o espaço londrinense, para que um padrão fosse criado, com o intuito de distribuir uma quantidade considerável aos compradores, um mecanismo que atende a demanda, e que restassem terras o suficiente para novos compradores.

A CTNP seguiu um padrão nesta divisão, proporcionando pequenas terras com uma média de 10 a 20 alqueires, além de investir em alguns núcleos rurais apoiadores, necessários para manter a matriz sempre sólida, núcleos estes mais tarde modificados em cidades. Com os “holofotes” voltados para o norte do Paraná algumas ações vigoraram para que este projeto criasse corpo e resultados;

Ações estas que envolvem trabalhos topográficos, demarcação dos lotes rurais, abertura de estradas e caminhos, expansão da estrada de ferro para atingir suas terras, organização de propagandas associada ao forte número de vendedores e claro, a construção de um núcleo urbano como condição *sine qua non*¹⁴ ao sucesso do negócio. (FRESCA, 2007, p 147).

A ideia então era criar o supracitado imaginário social, com restrições bem delimitadas. Mostrar ao povo, que Londrina tinha condições de suportar o progresso, e, não obstante trabalhava para que tal feito fosse alcançado, com uma propaganda efetiva, já que moradores chegavam aos montes em Londrina, sempre almejando um futuro melhor, e sob esta perspectiva houve uma debandada de migrantes para a cidade nortenha com o intuito de alcançar aqui o que sua cidade natal não proporcionava.

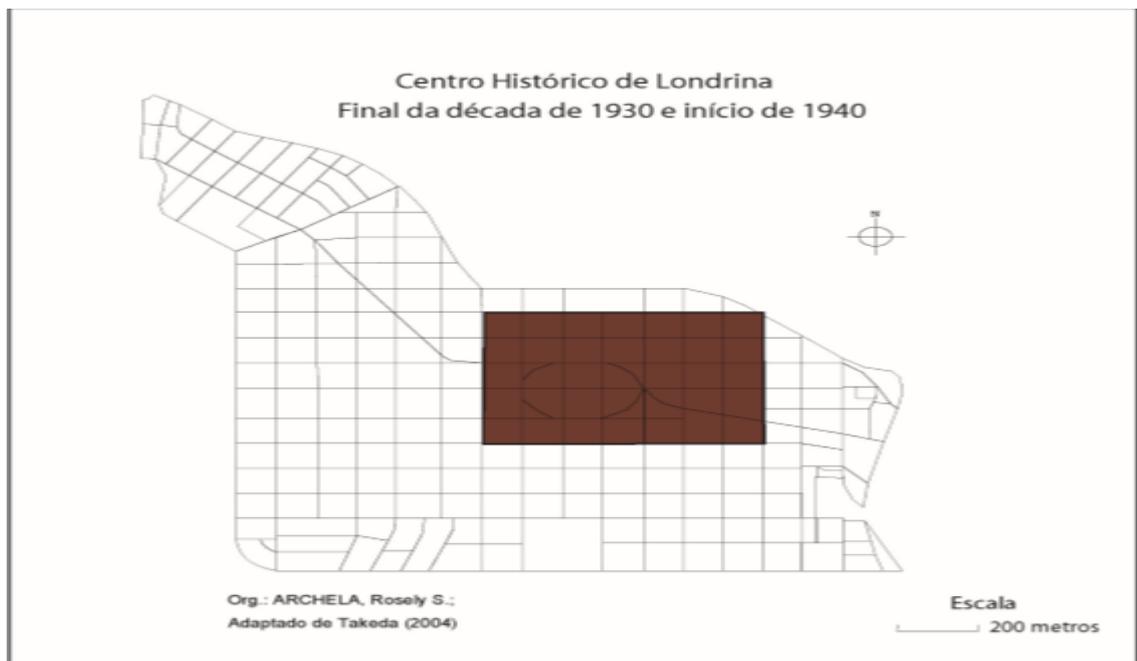
A planta da cidade (pensada como um tabuleiro de xadrez – devido a composição das ruas e traçados da cidade) criada pelo engenheiro Alexandre

¹⁴ Sine qua non é o mesmo que indispensável, essencial.

Rasgulaeff¹⁵ foi modificada, pois não suportou o número de pessoas, sendo obrigado a desfigurar seu mapa e criar meios para atender a todo este progresso na cidade. A princípio a ideia era comportar os investidores em um único ponto, pois o progresso estava focado nesta região, e justamente

Esta fase de intensa prosperidade econômica criou condições vantajosas para a reestruturação urbana: pela afirmação de um zoneamento; da regulamentação mais rígida da cidade pelo poder público local; da contínua expansão físico-territorial da mesma; da construção de inúmeras obras públicas e privadas em direção a modernidade; da implantação e expansão de serviços públicos como saneamento, telefonia, eletrificação, pavimentação, etc.; da ampliação e sofisticação do terciário, dentre outros. (FRESCA, 2007, p. 156)

Para observar melhor a expansão da cidade, Fresca (2007, p. 154) analisa duas figuras de suma importância para este movimento. As imagens ilustradas pela autora serve para evidenciar o foco de desenvolvimento da cidade, muito se falou de um ponto central da cidade, e justamente sob esta perspectiva que a autora utiliza estas imagens para demonstrar este ponto.

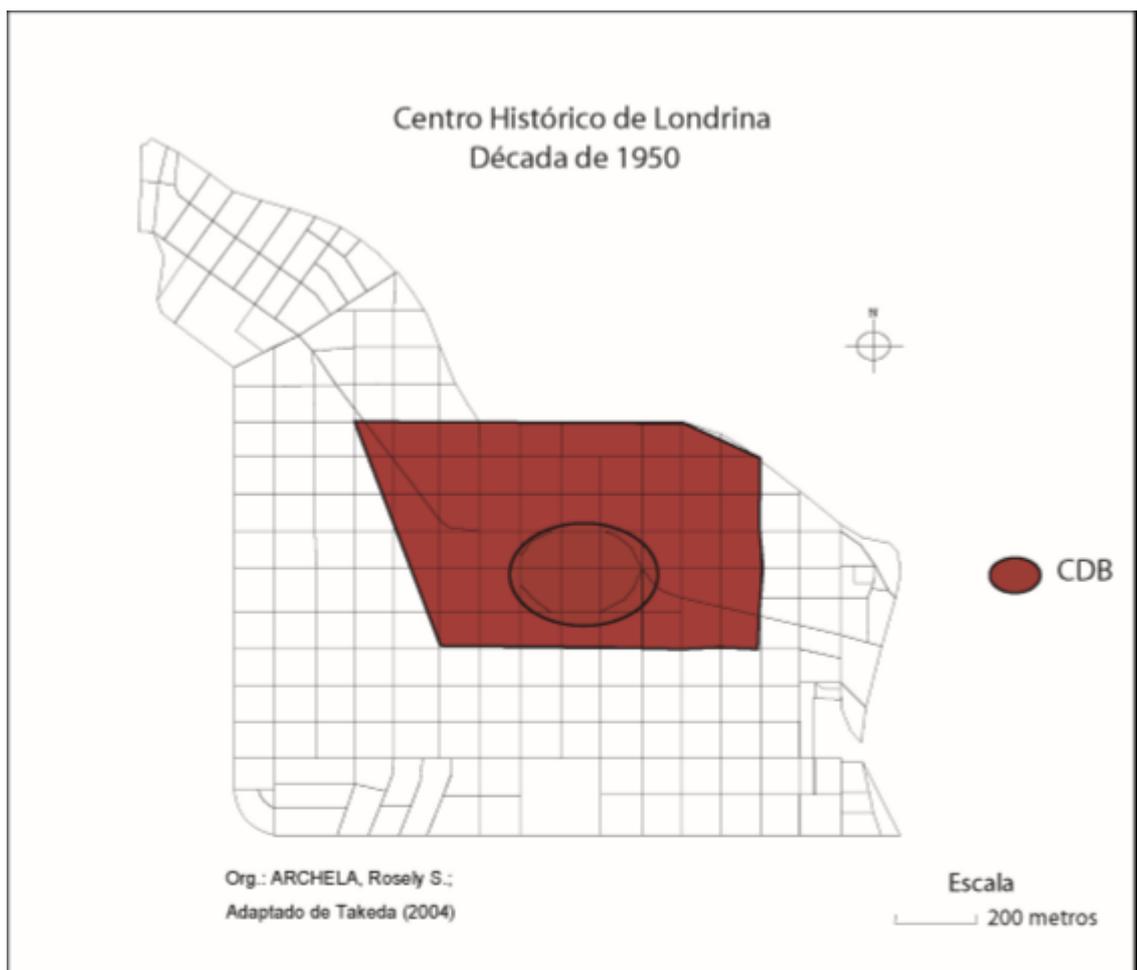


Centro de Londrina (final da década de 30 e início da década de 40).

¹⁵ O doutor Alexandre era um engenheiro agrimensor russo, nascido na cidade de Krotoma em 1894 e que chegou ao Brasil como contratado da Paraná Plantations Limited, de Londres, Inglaterra, maior acionista da Companhia de Terras Norte do Paraná, atual Melhoramentos.

A primeira figura serve para ilustrar os moldes da cidade, não em todos os aspectos, mas para frizar o ponto central do desenvolvimento da cidade londrinense, é justamente neste perímetro que surge o Central Business District¹⁶, criado justamente com a intenção de estabelecer um centro, para delimitar cada vez mais os espaços, e criar zonas específicas na cidade, dando a devida relevância para cada parte de Londrina.

Com a criação do CBD (Central Business District), é possível notar centralização do desenvolvimento, por mais que a cidade estivesse avançando em vários pontos, este em específico retrata a matriz dos negócios londrinenses, se antes não havia um molde que distinguísse os espaços marcados por este “boom” territorial, agora com o centro, é exequível assegurar as zonas que nasceram após este ato, ficam explícitas no estudo, conforme Fresca (2007, p. 157) analisa:



Centro de Londrina (década 50).

¹⁶ É uma área urbana que funciona como principal polo financeiro e comercial de uma cidade.

Esta ilustração deixa evidente um foco direcionado, pois é conveniente deixar explícito o centro da cidade, pois as principais mudanças começam justamente neste ponto, uma espécie de centro de tomada de decisões, esta figura,

...demonstra a abrangência da área central na década de 1950. O CBD corresponde em linhas gerais, ao núcleo da área central onde estão localizadas as atividades que concentram e exercem maior força de centralidade, como a financeira e comercial, que suportam pagar o elevado preço do solo, e várias de gestão pública (FRESCA, 2007, p. 156)

Tanto o número populacional, quanto os lotes vendidos apresentavam forte melhora, o que causou impactos positivos - já citados, e negativos na cidade de Londrina - como desmatamento desenfreado.

A CTNP tentou manter até quando pode as estruturas criadas, todavia com o forte aumento populacional e os conflitos acontecendo no exterior, os recursos que estavam fora do país, retornaram. Em meados de 1943 a companhia passou por mudanças na direção, e oito anos mais tarde foi negociada. Sofreu alterações não apenas em seu modo de tomar as decisões, mas no nome, sendo chamada de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), deste modo agentes locais ficaram responsáveis pelas terras. O número de lotes vendidos cresceu ainda mais,

Porém, a expansão desordenada de Loteamentos irregulares não refletia apenas a ausência da Cia. Colonizadora, era também resultado de uma desorganização da política local, que era gerida por um poder executivo pouco empenhado no enfrentamento das questões locais (SOUZA, 2008, p. 36).

Além de questões políticas agravantes à situação, a sede foi transferida para Maringá o que demonstrava menor controle e preocupação com Londrina, ou seja, uma sequência de atos políticos, seja na gestão da nova companhia ou da cidade, ocasionaram a quebra do ritmo acentuado, retirando a simetria antes presente, o que segundo Eder Cristiano de Souza em sua tese de Mestrado¹⁷, descreveu como a já vista “expansão desordenada”.

¹⁷ SOUZA, Éder Cristiano de. **Os excluídos do café**: As classes populares e as transformações no espaço urbano de Londrina. 1944-1969. Tese de Mestrado pela Universidade Estadual de Maringá em 2008.

Estes percalços não foram desprezados pela elite local, algumas medidas foram sancionadas para evitar uma queda maior desta simetria, e justamente devido a este forte aumento na expansão do território londrinense, que Souza (2008, p. 39) estuda um decreto criado nesta década com a finalidade de frear este movimento, pois a planta criada ficava cada vez mais desfigurada e o crescimento fugia o controle, foi então que,

Em 06 de outubro de 1947, foi tomada a primeira medida urbanística efetiva pela administração municipal de Londrina. Com o decreto de lei nº 159, o executivo municipal publicava uma resolução através da qual proibia a abertura de novas áreas de loteamento urbano nas adjacências da cidade, até que fosse aprovada uma lei que regulamentasse esse comércio, bem como o zoneamento da cidade, o que acabaria ocorrendo apenas em 1951. (Ibidem, 2008, p. 39)

Mesmo com estes empecilhos, com passar de alguns anos Londrina se tornava a “capital mundial do café”, fato motriz para algumas mudanças, tais como: aumento no número de produtores, contribuição da terra para o plantio, o espaço como responsável por este avanço na produção, posição antes dominada por São Paulo, começa a ganhar bons frutos no norte do Paraná, principalmente em Londrina, Souza (2008, p. 43) inclusive cita a fortificação da produção de café em 1950.

A região Norte do Paraná entrou nesse processo como elemento fundamental, pois no início da década de 1950 o principal produto de exportação nacional era o Café, e uma das maiores regiões produtoras era justamente esta, e a principal cidade da região era Londrina.

Não só na visão externa – fora dos moldes londrinenses, que o desenvolvimento era nítido, mas no pensamento do povo de Londrina, corroborando com a ideia já tratada de imaginário social, cada vez mais presente. Benatti expõe a transformação ocorrida neste período, à maneira como esta cidade pequena passa a ser um centro importante para o Brasil,

A maioria dos testemunhos da época, recheados de representações fáusticas, dão indícios de novos sentimentos em relação à cidade; cidade

que por sua vez adquiria, de modo extremamente rápido, uma nova linguagem formal (arquitetônica e urbanística) e crescia a olhos vistos. (Ibidem, 1997, p. 28)

Avanços característicos da mudança de cenário encontrados em Londrina, e principalmente da transformação nas projeções, que estavam cada vez mais visionárias, graças a este “boom” na cidade. As estruturas se fortificavam a cada ano, as pretensões internas ficaram grandes, como descreve a revista cultural *Intercambio* em 1953

A alta de preços do café nos últimos anos operou uma grande transformação na fisionomia da cidade. A febre de construção e a Expansão da cidade que se fizeram sentir sempre de maneira intensa acentuaram-se, principalmente a partir de 1948. Desse ano em diante, o ritmo de construções se acelerou de maneira notável. Quem viu Londrina em 47 e 48, e a vê novamente agora [1953], surpreende-se como seu progresso e a sua expansão. A cidade hoje não só cresce verticalmente como avança pela periferia, conquistando os cafezais circundantes, que cedem lugar a novos e modernos bairros residenciais. O centro comercial de Londrina, por sua vez, ganha em beleza e imponência, com seus magníficos edifícios de vários andares. A paisagem urbana de Londrina tende assim a modificar-se para melhor. O centro da cidade, que, nestes últimos cinco anos, sofreu grande transformação, oferece hoje um aspecto diverso daquele de 1947 onde inúmeras casinholas de madeira constituíam ainda um testemunho da época do desbravamento, em que a preocupação era "fazer" às pressas uma casa para morar e para o negócio. Hoje os modernos prédios de Londrina são projetados por arquitetos famosos.

Era nítida uma mudança não apenas no comportamento do povo, mas na estrutura da cidade, que passou a ganhar uma fama nacional, ou seja,

A fisionomia da cidade estava mesmo mudada. Em menos de duas décadas, de povoado improvisado e "caldeirão de malária", a cidade passava a ser celebrada como nova "capital mundial do café". O progresso econômico imprimia ao corpo da cidade novos traços e características, remodelando-a totalmente. (BENATTI, 1997, p. 31)

Parte essencial desta mudança como já foi tratado se dá devido à alta do

preço do café. Antes da forte produção, Londrina se desenvolvia a passos curtos, com esta elevação nos preços, cada vez mais capital chegava a cidade, e o retorno era recíproco, um novo tempo começava na cidade,

...o tempo do pioneirismo havia ficado para trás: ele aparece como plenamente superado, ocupando, nas representações da época, uma categoria de tempo primordial, tempo mítico de fundação. A nova fisionomia da cidade atestava essa descontinuidade: as casinhas de madeira, testemunhos materiais da "época do desbravamento" faziam já parte do arcaico. (Ibidem, 1997, p. 31)

Uma tentativa de desvincular a cidade de um passado pioneiro, de um tempo primitivo, e dar boas-vindas a uma nova era de progresso (estas mudanças também auxiliaram na criação de um pioneiro herói, um ser que ajudou a desbravar Londrina, e que hoje pode colher os frutos de seu árduo trabalho, imagem muito debatida, porém não se enquadra nas pretensões deste estudo), a uma nova Londrina.

Todos estes elementos são de suma importância para entender o processo de formação de outros bairros, que rodeiam o centro de Londrina, sendo um deles essencial para a discussão – A Vila Casoni.

Capítulo II - Vila Casoni, fundação e patrimônio.

3.1 – Lugar de Memória e a relação com as fontes

Enfim, todas as coleções cumprem uma mesma função; a de permitir aos objetos que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre espectadores e os habitantes do mundo ao qual são exteriores. (FRONER; PENNA, 2014, p. 92)

O primeiro capítulo tem como finalidade explicar a construção da cidade de Londrina, não de maneira geral, mas de forma singela, em uma ordem pautada no desenvolvimento da cidade, e nos meios que levaram a tal momento, com intuito de expor os motivos para a abertura de outros bairros, como a própria Vila Casoni. Porém, antes de adentrar na formação do bairro, é interessante citar o trabalho realizado com os documentos para desenvolver a pesquisa em questão, diferente dos demais documentos utilizados até o momento, este corresponde a uma coleção doada pelo IPAC/LDA as dependências do NDPH como já citado, todavia a real diferença está no trato com a doação, pois todo este acervo foi trabalhado desde sua chegada até seu armazenamento.

Este subcapítulo foi pensado com a simples finalidade de transmitir ao leitor o percurso da fonte e seu tratamento nas dependências do NDPH, respondendo a questões antes não elucidadas na pesquisa, pois quem observa o trabalho em si não tem dimensão do trabalho realizado para distinguir a fonte dos demais documentos doados ao acervo, e da função do estagiário no Núcleo. É importante ressaltar que toda descrição detalhada é fruto da prática com a doação, todo processo foi realizado sob auxílio do diretor do Núcleo.

Estes documentos utilizados no decorrer do trabalho retratam apenas uma porcentagem dos que foram doados, existem inúmeros documentos deixados de lado, pois não se encaixam na ideia inicial do trabalho, e não há intenção de utilizar neste momento, tais como cartas de obtenção de terras, não apenas dos Casoni's, mas de outros moradores em geral, diversas plantas do bairro, a cada carta enviada a prefeitura para demonstrar a compra das terras, uma planta com o novo terreno anexado era anexado com o intuito de retratar o espaço adquirido.

A doação passa por três etapas até que esteja pronta para receber pesquisadores, a ideia é transmitir estas fases juntamente com imagens com o intuito de mostrar ao leitor o espaço onde é realizado todo o processo, para facilitar o entendimento e ter dimensão do espaço onde as etapas são realizadas; (1) Higienização:¹⁸.



A doação é guardada em um ambiente de higienização, um espaço destinado a limpeza dos documentos. Como os documentos sofrem com a corrosão do tempo,

¹⁸ A Primeira foto corresponde à entrada do espaço destinado a higienização, a segunda foto retrata o armazenamento provisório das doações recém-chegadas. Fotos retirados pelo aluno da Universidade Estadual de Londrina, Leonardo Henrique de Souza (2017).

ou mau armazenamento passado, ele pode conter fungos e bactérias capazes de corromper outros documentos. Um hábito comum quando um documento possui inúmeras folhas, é grampeá-los ou prender em clips de ferro, estes elementos com o tempo tendem a danificar o documento, pois o ferro é corrosivo e destrutivo ao documento. O primeiro passo na higienização é retirar todos estes componentes prejudiciais aos documentos, quando é necessário separá-los, são utilizadas folhas específicas, pois se trata de um produto menos destrutivo. Antes de realizar esta separação, as folhas passam por um processo de limpeza e revitalização (quando possível), com a intenção de preservar o documento o máximo possível, e tornar mais resistente para quem for pesquisar, pois

Pensando o acervo como lugar da memória e do não esquecimento e, além disso, como um lugar onde objetos carregados de significados têm a função de contar uma história, ou mesmo de, mediante uma narrativa própria, legar um discurso de si à posteridade, uma de nossas funções enquanto conservadores e restauradores seria sua preservação. (FRONER; PENNA, 2014, p. 96)

Já neste primeiro ponto então há uma simples separação, pautada em uma leitura breve dos documentos. (2) Processamento Técnico e separação Lógica:¹⁹.



¹⁹ A Primeira foto corresponde à entrada do espaço destinado ao Processamento, a segunda foto retrata o local onde são separadas e catalogadas. Fotos retiradas pelo aluno da Universidade Estadual de Londrina, Leonardo Henrique de Souza (2017).



Com os documentos já higienizados, eles são transferidos a sala dos estagiários, onde ocorre a separação lógica. Esta etapa tem como finalidade distinguir os documentos em pastas poliondas, ou caixa arquivo²⁰, em uma divisão que faça sentido ao pesquisador. Caso a doação não pertença a uma coleção já estabelecida (no caso da doação feita pelo IPAC/LDA, já existe uma pré definição), ela pode ser remanejada a outra coleção desde que faça sentido lógico. (3) Catalogação e Armazenamento:²¹



²⁰ Foto da caixa arquivo no item “anexos”.

²¹ A Primeira foto corresponde à entrada do espaço destinado ao Acervo, a segunda foto retrata o local onde são colocadas as coleções já terminadas. Fotos retirados pelo aluno da Universidade Estadual de Londrina, Leonardo Henrique de Souza (2017)..



Com o documento higienizado, separado, é necessário catalogar em uma plataforma digital (excel ou word, dependendo do documento), para que possa ser lançado ao site do NDPH. A catalogação atende as normas da Nobrade²² para facilitar a pesquisa de qualquer usuário, tem por finalidade dar uma prévia do que é possível encontrar na coleção, para que o pesquisador já tenha noção do que procura, além de facilitar a busca do funcionário no Núcleo, pois a catalogação gera um código, que deve ser impresso e colado junto a pasta ou a caixa (dependendo do tamanho dos documentos), este código facilita a busca tanto do usuário, quanto do funcionário, uma maneira de dinamizar o trabalho.

Estas etapas são frequentes no dia a dia do funcionário, pois são funcionais, e tendem a permanecer, porém nos documentos doados pelo IPAC/LDA a terceira etapa ainda não foi concretizada, por ser uma doação recente, outras coleções estão sendo trabalhadas, pois há uma fila, e somente documentos tidos como urgentes atravessam esta ordem, como se os documentos recebessem uma senha, e alguns tivessem fila preferencial, por se tratar de documentos muitas vezes deteriorados que necessitam de atenção imediata. No caso dos documentos frutos deste trabalho, apenas a terceira etapa não foi concretizada em seu máximo, já que

²² Normas Brasileira de Descrição Arquivística e os Documentos Audiovisuais: esta norma estabelece diretrizes para a descrição no Brasil de documentos arquivísticos, compatíveis com as normas internacionais em vigor ISAD(G) e ISAAR(CPF), e tem em vista facilitar o acesso e o intercâmbio de informações em âmbito nacional e internacional

a coleção ainda necessita ser catalogada, todavia por ser essencial à pesquisa, esta na etapa de contato com o usuário, ela por sua vez não é de responsabilidade do funcionário, mas do pesquisador – o diálogo com o documento.

O NDPH meio a todo este processo sofre com determinados riscos, pois

Se esses lugares têm como premissa a guarda de documentos diversos — fundos, séries documentais, séries temáticas, dossiês, etc — que compõem parte da memória coletiva do país, em âmbito nacional, regional e local, isso não significa assumir uma posição que esses lugares fiquem circunscritos ao papel de depositários e guardiões dessa memória, como se ela estivesse congelada no tempo. (SILVA, 2006, p. 22)

Mas, sim um ambiente dinâmico capaz de imprimir uma rotatividade com o intuito de preservar ao menos a memória coletiva, o grande risco do Núcleo esta justamente não conseguir imprimir este modelo. Visando esta preocupação o Diretor do NDPH costuma realizar matérias optativas, para que os alunos do curso tenham cada vez mais contato com o centro, e possam usufruir de sua rica documentação. A disciplina tem como objetivo levar o aluno a conhecer o Núcleo, e desempenhar mesmo que por poucos dias a função do estagiário do NDPH. O aluno realiza especificamente a segunda etapa do processo (Separação Lógica), pois o espaço de higienização é pequeno e sem treino não é aconselhável expor os alunos a tal processo, por isso o professor separa coleções já higienizadas e permite que os alunos realizem a separação, para que tenham contato com o próprio documento e entendam um pouco das etapas presentes e o próprio Núcleo.

3.2 – Domingos Casoni, influência no processo de formação

Jorge Casoni, abaixo assignado, proprietário do lote nº 39 A no patrimônio de Londrina, desejando subdividir o mesmo em datas, formando uma villa com a denominação de “Villa Casoni”, apresenta a planta anexa, em duas vias, e requer vos digneis aprova-la, para fns de direito. (Carta de Jorge Casoni ao prefeito de Londrina, 07 de dezembro de 1937, p. 1)

Após entender o processo realizado no Núcleo com as fontes, o foco volta a ser a formação da Vila Casoni. Até o presente momento a transposição de ideias se voltou a conceitos essenciais para o decorrer do estudo, todos aplicáveis a averiguação sobre a formação desta vila. Em meados 1936 e 1937, uma família de migrantes de Piraju, interior paulista, vem para a cidade paranaense em busca de novos objetivos, almejados neste novo espaço em progressão. Segundo Cesário et al. (1987)

...as notícias sobre os serviços urbanos implantados em Londrina, foi um dos motivos para a família Casoni iniciar uma nova etapa em sua vida, participando de um amplo projeto de colonização dirigido por uma grande empresa imobiliária, que havia comprado em torno de um milhão de alqueires de terra do Governo do Paraná para vender a particulares. Nesse contexto, Domingos Casoni adquiriu lotes de terra visando utilizá-las na produção de frutas. Assim, constrói a primeira casa de madeira e consegue trazer sua família para as novas terras, formando sua chácara. (Apud OLIVEIRA; RIZZOTTI, p 8)

Domingos Casoni morava com o pai em São Paulo, casado com Zulmira, tinha a ambição de construir sua própria família, em um terreno que fosse seu, e devido as fortes propagandas realizadas sobre o Norte do paraná, a ideia de Domingos sempre foi comprar terras neste espaço. A fama das terras roxas era tremenda, ao ponto de o paulistano chamar o espaço de “terreno de ouro”. Devido a isto em 1934, Domingos compra um terreno de 2 alqueires²³ e meio paulista (cada alqueire paulista corresponde a 24,200m²) em Londrina junto a Cia de Terras, e seu pai também sob influência da propaganda compra 7 alqueires paulista. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 2)

Vários fatores influenciaram a vinda do casal para Londrina, mas o principal e mais óbvio, foi a aquisi o das terras em 1934. A saída de São Paulo não foi imediata, aproveitaram a funda o de Londrina para adquirir as terras, e somente dois anos depois, com alguns proprietários já lucrando em solo londrinense,   que o

²³ Unidade de medida utilizada para distinguir tamanho de terras, possui variedades de acordo com a região (Paulista, Baiano, Goiano, Mineiro entre outros), sendo no caso o alqueire paulista equivalente a 2,42 hectares e o mais utilizado.

paulistano viu a possibilidade de prosperar em suas terras nortenhas. Ele necessitava de um ponto de partida consistente para iniciar sua vida, e

Naquela época isto aqui tinha uma propaganda muito grande em virtude das terras serem férteis né, e todo mundo então voltava esse terreno de ouro que estava à disposição dos banqueiros e nós viemos então aqui com toda fé, a certeza de que nós íamos vencer a luta de cada dia, e viemos então em 1936, no dia 20 de junho de 36 nós viemos para Londrina, eu e minha senhora. Eu e minha senhora viemos para aqui. Trouxemos um menino, filho, primeiro filho com 60 dias. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 1)

Londrina foi este ponto que ele tanto procurou para iniciar sua família. Se mudou “para Londrina pela esperança, terra nova, vida nova, tudo... e viemos com mais já do que praticamente possibilidades”. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 2), mas com uma certeza, de que aqui poderia alcançar seus objetivos profissionais e pessoais.

A ideia inicial de Domingos era construir uma granja, e destinar parte de seu tempo a uma fruticultura com intuito comercial e próprio, todavia ao chegar em solo londrinense, observou que a situação não era favorável para desempenhar tais atividades, o momento fez com que Domingos mudasse seus planos, porém a renda não era o suficiente para tocar adiante sua ideia. A dificuldade financeira era tamanha que Casoni se viu obrigado a construir sua própria casa, contou com a ajuda de João Tavares, carpinteiro de ofício, para levantar sua residência. Com o dinheiro restante comprou uma charrete para que pudesse trabalhar. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 7).

Devido à dificuldade que Zulmira e Casoni esbarraram, a mesma se viu obrigada a exercer diversas funções, além de auxiliar o marido na colheita das frutas e na manutenção das terras, trabalhava como costureira para complementar a renda, um exercício muito comum em toda parte do Brasil, já que

A mulher do trabalhador comum moureja geralmente como doméstica, ou na fábrica de tecidos, em confecções, fazendo serviços para fora, de hábito como lavadeira ou costureira. Trabalha porque precisa, porque o salário do marido não dá (MELLO E NOVAIS, 1998, p. 600).

Neste ponto é possível notar uma característica marcante da história não apenas da Vila Casoni, mas da cidade como um todo (do país), pois grande parte das mulheres que acompanharam seus maridos nesta trajetória (migração) exerciam outra função, além de cuidar de suas casas. Este exercício de complementação de renda era uma prática comum na família Casoni, pois com o tempo os quatro irmãos dele já estavam alojados na cidade, juntamente com suas respectivas conjugues, e elas também realizavam diversas funções para contribuir com a renda familiar. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 8).

Devido as dificuldades supracitadas é evidente que o projeto dos Casoni apresentou insucesso, pois não perdurou muito esta iniciativa de ser estritamente responsável por suas terras e viver dos frutos produzidos, logo buscaram outros meios para que seu investimento providenciasse lucros, pois detinham um grande número de terras (os dois somados detinham 9,5 alqueires), mas não havia como sustentar toda esta dimensão, este imbróglio causou problemas financeiros. Jorge e Domingos Casoni em busca de alternativas para modificar o panorama da situação, utilizaram como medida comercial o parcelamento de seus lotes assim como a Cia, processo protagonista para o início do bairro, pois a

A Villa Casoni teve início como parcelamento de gleba rural nos limites da Londrina projetada pela CTNP. Sugestão do então Prefeito Willie Davids e do Engenheiro Rasgulaeff frente à dificuldade dos proprietários no pagamento das terras adquiridas, teve a proximidade com o centro como um dos incentivos à sua ocupação. (YAMAKI; KANASHIRO; TORRES, 2001, p 75)

A divisão dos lotes não era a ideia inicial de Domingos, a princípio o mesmo pensou em vender o lote completo, mas não encontrou nenhum comprador, foi então que o paulistano optou por lotear parte de suas terras, uma separação em pequenos espaços. Com seu conhecimento em carpintaria e auxílio de João

Tavares, viu a possibilidade de lucrar com este método. Domingos vendia as terras e a pedido dos compradores construía a casa já no terreno, assim conseguia lucrar cada vez mais, uma atividade tão lucrativa que Domingos chegou a construir aproximadamente sessenta casas de madeira. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 7-8).

A divisão não foi algo simples de ser efetuado, a cada modificação na planta Domingos e Jorge tinham que notificar a prefeitura, e enviar uma nova planta com a venda já efetuada para que pudessem prosseguir com seu negócio. Jorge possuía o lote denominado 39 A (com 7 alqueires paulista) e Domingos o lote 39 (2,5 alqueires paulista), sendo cada um responsável por seu próprio espaço, e quando algo modificava por completo a Vila ambos notificavam a prefeitura, o reporte enviado seguia um padrão, conforme carta enviada a prefeitura é possível notar o modelo,

Jorge Casoni, abaixo assinado, vem requerer de V. Excia, aprovação da planta anexa, do lote 39 A, no Patrimônio de Londrina, para continuação da divisão do mesmo lote em datas, da Villa Casoni (Carta de Jorge Casoni ao prefeito de Londrina, 28 de novembro de 1939)

Esta prática de venda de lotes foi o início da Vila Casoni, e como todo começo a dificuldade para os moradores era constante, pois estas vilas em torno do centro da cidade não possuíam os mesmos recursos encontrados no polo central, justamente por não corresponder ao plano inicial dos fundadores, e por isso,

Era possível ver duas faces de Londrina, a divisão clara entre uma elite privilegiada que ostentava sua riqueza, e uma série de problemas sociais e urbanísticos que imprimiam a esta cidade características muito comuns a todas as áreas urbanas em processo de expansão capitalista (SOUZA, 2008, pg 79).

Duas facetas claras. De um lado, o centro em plena modernização, avanço, estabilidade, fruto do bom momento que a região passava, e de outro a expansão desenfreada, dando lugar a bairros “pioneiros”, sem desenvolvimento e com uma diferença grotesca em relação ao centro, a distância entre ambos os polos (não é grande, mas devido as péssimas condições das estradas, era precária), dificultava a

locação dos moradores da vila que só encontravam determinados produtos no centro. A vila ainda estava em processo de construção, e só era possível encontrar alguns pontos que sustentavam a vida boêmia, raros armazéns, bazares, estabelecimentos erguidos com o tempo, mas sempre havia a necessidade de ir as grandes lojas da época, e para alguns a única forma era ir a pé, outros como Domingos e sua esposa iam de charrete, mas em “estradas” de barro o que não facilitava o acesso. Zulmira conta que não havia água encanada e eletricidade em sua residência, já no centro da cidade havia:

instalação da rede de água e esgotos e da melhoria da iluminação pública, o calçamento dos espaços privilegiados (as ruas centrais), foi um marco significativo no processo de modernização da cidade pioneira. As "passadeiras de asfalto" prometiam eliminar definitivamente a tez encardida da cidade, também era incompatível com os novos foros de civilização. O calçamento das ruas principais - quer dizer, da urbs propriamente dita-, era fundamental para reverter a imagem de cidade sertaneja sob o signo do pó e da lama (BENATTI, 1997, p. 53).

Apenas uma tentativa de tirar esta expressão do centro londrinense. Enquanto os bairros que se encontravam ao leste e norte do trilho do trem mantinham-se nas características pioneiras, o que retoma a ideia das facetas já tratadas, e o trilho era à linha que os separa, um signo que os moradores das vilas eram obrigados a enfrentar. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 10).

Alguns passos pertinentes ao desenvolvimento da Vila Casoni foram possíveis graças as doações de Domingos, como a criação da praça Princesa Isabel (onde um posto policial ficava alocado neste lote), o parque infantil, a Igreja Presbiteriana, e por fim o espaço que hoje está destinado ao Colégio Estadual Dr° Willie Davids²⁴ são exemplos destas doações. O último um marco importante para o bairro, visto que os moradores da vila não tinham acesso ao Colégio Estadual Hugo Simas²⁵, ou ao Ginásio Estadual de Londrina²⁶ (hoje Colégio Estadual Vicenti Rijo,

²⁴ Colégio fundado em homenagem ao Dr° Willie da Fonseca Brabazon Davids, no bairro Vila Casoni um dos mais antigos de Londrina, atendia a comunidade.

²⁵ A escola passou a funcionar em 14 de julho de 1937. Teve como diretor o professor Antenor Henrique Monteiro. O colégio, que nunca mudou de endereço, foi construído no terreno doado pela

só que em outro endereço) e seu contato com a educação se deu graças a fundação do colégio. (Ibidem, 31 de julho de 1985, p. 9).

Um prisma à ser ressaltado, porém clichê é a importância de Casoni ao bairro, não pelo simples ato de fundação, mas devido a sua influência nas diretrizes do bairro, pois os atos tomados em sua fundação refletem até a atualidade, como por exemplo a ausência de um terreno destinado ao catolicismo, Domingos como presbiteriano declarado, doou somente lotes a igreja presbiteriana, os moradores que professassem a fé baseada no catolicismo tinham como meio a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, que recaí a fama sobre a Vila Casoni, mas não está anexada ao bairro propriamente dito, tanto é que o paulistano declarou o bairro como a Capital Evangélica de Londrina, sendo portadora do maior número de igrejas evangélicas de Londrina em um só bairro. (Ibidem, 31 de julho de 1985, p. 16).

Se a ausência de igrejas católicas “recaem” sobre Domingos, outro ponto relevante é a presença de migrantes paulistas e mineiros na vila. Como muitos migrantes na época tinham interesse em vir as terras nortenas, Domingos criou uma via de mão dupla: de um lado o interesse em vir para Londrina por parte dos migrantes, e de outro um paulistano que necessitava de dinheiro. Casoni devido à baixa em seus preços possibilitou o acesso dos migrantes a Vila. O bairro possui uma variedade enorme de migrantes descendentes de europeus, marcados na história da vila, pois o “processo de constituição da Vila Casoni se deu a partir da vinda dos migrantes nacionais de origem europeia e oriental, provenientes dos estados de São Paulo e Minas Gerais” (Oliveira; Rizzotti, p. 8). Se a Vila foi a chave para muitos, houve um papel recíproco neste processo, a relevância de um para o outro é fundamental. (CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 5).

Este processo migratório é outro ponto semelhante de Londrina com as demais regiões do Brasil, a necessidade de buscar melhores condições de vida “forçou” estes brasileiros a viabilizarem outros meios. A opção por Londrina não foi algo imediato, o forte número de migrantes que chegaram ao Paraná era propaganda positiva ao meio, pois estes uma vez estabilizados permitiam a chegada de seus familiares. Domingos viveu este processo, sendo o pioneiro de sua família a

CTNP de frente para a Rua Pio XII, entre as ruas Prefeito Hugo Cabral e Pernambuco.

²⁶ O Colégio foi criado a partir do decreto 336/45, de 23/05/45 e publicado no Diário Oficial nº 372.

Londrina, mas observou com o tempo a chegada de seus irmãos, estes fatores levam a supor que,

O estabelecimento na Vila Casoni, se deu por dois fatores, o primeiro estava relacionado aos menores valores dos lotes em relação a outros lugares na cidade. O segundo fator foi à possibilidade da continuidade na convivência com parentes e amigos que vieram da mesma região, se conhecendo no meio rural. (OLIVEIRA; RIZZOTTI, p. 9)

Estes laços familiares fazem parte da história do bairro, muitas famílias viveram por anos na Vila, pois nos tempos difíceis vividos em Londrina, este apoio familiar foi essencial para assegurar a permanência destes moradores. Um fator que leva a crer nesta permanência de familiares, é o número de crianças matriculas no Colégio Estadual Drº Willie Davids. Como o número de filhos na época era elevado o colégio era totalmente destinado a atender o público da Vila, e este número gerava congestionamento nas vagas, pais desde cedo procuravam a instituição atrás de matricular seus filhos. Com o tempo o colégio enfrentou uma redução na quantidade de alunos, e foi obrigado a abrir as portas para alunos de outros bairros - não que antes fosse restrito, mas a forte concorrência inviabilizava a matricula de crianças fora dos limites do bairro, vale ressaltar que está mudança se deu após anos. (Folha de Londrina, 01 de agosto de 2017²⁷)

Não havia muito trabalho na Vila, o que forçava os moradores a buscarem emprego nas proximidades, como a Avenida Duque de Caxias, Rua Belém, Rua Acre, comércios do centro e alguns na lavoura. Este processo auxiliou a dar visibilidade ao bairro, aos montes moradores participavam da economia da cidade, o que impulsionou a prefeitura a prestar ajuda a vila. Devido ao elevado número de madeiras na época, havia muitas serralherias nos arredores do bairro, e falta de mão de obra, pois a maioria dos moradores do centro eram proprietários de terras, e estes novos londrinenses viam a possibilidade de um salário mensal, pois a prática agrária em muitas regiões era pagar de forma anual, o que dificultava a manutenção familiar ao longo, e obrigava estes trabalhadores a procurarem diversos serviços temporários, mas com uma renda fixa a possibilidade de se estabelecer era maior, respondendo a necessidade de trabalhadores na cidade. (CASONI, Domingos e

²⁷ Link disponível in: <<http://www.folhadelondrina.com.br/cidades/memoria-mudanca-no-perfil-do-colegio-willie-davids-983822.html>>, último acesso in: 18 de novembro de 2017.

Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba, p. 20-21).

Todos estes fatores são essências para entender a trajetória do bairro, o movimento do progresso segue todos os parâmetros já existentes, compreender que estes inúmeros fatores fazem parte da vida de vários moradores do bairro, são vitais para a criação de uma identidade social, não obstante essenciais para o imaginário social.

A análise é fundamental para entender a relevância da família Casoni, não apenas ao bairro, mas para Londrina, parte fundamental da história da cidade. Não foi um processo simples de criação, a formação do bairro, não se deu mediante a um insucesso de Domingos, mas uma nova perspectiva de sucesso, outra iniciativa, para que este projeto obtivesse êxito, algumas ações foram tomadas, Segundo Cesário et al. (1987),

“...o sucesso do novo empreendimento da família Casoni deu-se mediante algumas estratégias, tais como: o estabelecimento dos preços dos lotes inferiores aos vendidos pela Companhia de Terras e a construção de casas de madeira para venda e aluguel, totalizando aproximadamente 60 imóveis. Essa estratégia possibilitou que Domingos Casoni conseguisse saldar sua dívida e o seu estabelecimento na cidade de Londrina, fomentando o surgimento de um dos primeiros bairros do município” (Apud OLIVEIRA; RIZZOTTI, p 9)

O princípio necessário para a formação de um dos maiores patrimônios da cidade. Entender a motivação para que fosse criado o bairro Vila Casoni, os conceitos aplicados ao processo de desenvolvimento da cidade de Londrina, são premissas básicas para que seja estendido o estudo, são estes elementos motores fundamentais para o andamento do diagnóstico aplicado. É necessário colocar certos limites a pesquisa, e prolongar somente os prismas oriundos do estudo, cabe realizar uma reflexão sob tais aspectos para aprofundar a visão sobre o processo de formação do bairro, pois somente algumas causas foram aplicadas, para que fosse gerada a consequência motriz da inquirição proferi

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerne do trabalho pauta-se no trato com as fontes doadas pelo IPAC/LDA às dependências do NDPH, entender este movimento e a importância de tais setores para a fonte são relevantes não apenas para este estudo, mas para qualquer análise que recorra a estes “lugares de memória”, é importante sempre dar os créditos a estes Núcleos ou Centros, responsáveis por tornar fecunda a fonte, senão seriam apenas registros de um passado sem relevância para o presente. O trato delicado e preciso com os documentos, facilita a busca do pesquisador que almeja discorrer sobre um conteúdo existente em tais dependências, e um bom trabalho realizado pelos funcionários destes “lugares de memória” é vital, para o pesquisador e para o documento, sem este compromisso do órgão com os usuários este trabalho seria inviável.

O centro da pesquisa se pautou na memória de um cidadão londrinense, fundador e morador do bairro Vila Casoni, através desta memória os encaixes com os acontecimentos responsáveis pelo desenvolvimento do bairro foram possíveis, a grande dificuldade encontrada era relacionar e contextualizar os fatos, pois uma memória sofre mudanças com o tempo, e não pode ser tomada como verdade, sem viabilizar os meios que lhe dão legitimidade, está é uma tarefa complicada, são registros que perduraram décadas. Diversos conceitos foram tratados no decorrer da pesquisa, porém o essencial e supracitado, é o imaginário social, que retrata a singularidade de um povo, consegue colocar elementos em pé de igualdade com setores grotescamente mais desenvolvidos, mas neste imaginário o cidadão é o motor desta relação, o que define o nível de progresso pautado na cidade é fruto do sentimento interno do londrinense, que vivenciou este período, e alguns de forma efetiva contribuíram para tornar possível o sentimento de progresso vivenciado.

A intenção era demonstrar o sentimento de desenvolvimento que estava nos cidadãos da época, que difere das grandes capitais, mas são únicas no norte do Paraná, mais precisamente em Londrina, o distinto avanço, as diferentes de metas, possibilita um imaginário local, a criação de uma identidade pautada em elementos presentes somente neste curto espaço delimitado. Buscar a modernização de forma rápida, acompanhar o “mundo”, como Mello e Novais (1998) apontam, internalizar um modelo de vida a ser seguido, em muitos casos espelhados em países desenvolvidos, gera as dissemelhanças, uma procura por um modelo almejado, é a

responsável por apontar as dissemelhanças, pois nenhuma região possuiu as mesmas características, não detém os mesmo meios para exercer o mesmo funcionamento, este exercício é nítido na própria fundação do bairro, pois diversos bairros foram fundados ao longo do tempo em Londrina, porém nenhum detém as mesmas características do outro, pois os membros do bairro criam peculiaridades do espaço vivenciado, e somente estes moradores podem distinguir estas particularidades tão almejadas ao longo do trabalho, a identidade social não será criada por mais ninguém, além do próprio morador, por isso a ideia da pesquisa em utilizar a memória não apenas do fundador, mas de um morador que vivenciou aspectos singulares do bairro.

O trabalho segue um padrão bem simples para definir estes pontos, tendo como primeiro passo analisar a história de Londrina, já que não há possibilidade de entender a Vila Casoni sem antes estudar os acontecimentos na cidade, no entanto a maior diferença está no cerne da pesquisa, enquanto que os fatos responsáveis pela fundação de Londrina foram criados com intuito de informar ao leitor as causas e consequências, a criação do bairro tem a finalidade de trazer um fragmento da historiografia meio a tanta história. São notáveis as mudanças presentes no cenário londrinense, e a contribuição do trabalho está justamente em dar corpo a uma historiografia tão vasta e necessária, pois Londrina ainda possui muitos elementos a serem incorporados a este corpo, e cada vez mais contribuidores ao longo da história serão responsáveis por informar o leitor que deseja saber mais sobre a história desta cidade.

5 – REFERÊNCIAS

5.1 Fontes

Carta de (remetente) George aos (destinatários) seus pais, enviado em 05 de abril de 1932.

Carta de (remetente) Jorge Casoni (destinatário) Prefeitura de Londrina, enviado em 07 de dezembro de 1937.

Carta de (remetente) Jorge Casoni (destinatário) Prefeitura de Londrina, enviado em 28 de novembro de 1939.

CASONI, Domingos e Zulmira. Londrina, 31 de julho de 1985. Entrevista concedida a Deise Marcia e Marli Ayres Borba, transcrita por Marli Ayres Borba.

LONDRINA (Paraná). Prefeitura do Município de Londrina. Seção da Biblioteca e Serviço de Documentação Histórica e social do Município. Londrina. 9 p.

5.2 Bibliografia

(1953). *Intercâmbio: Revista Cultural*.

Archela, R. S., Barros, M. V., Barros, O. N., Théry, H., Mello, N. A., & Gratão, L. H. (s.d.). Expansão urbana de Londrina. *Revista Atlas Ambiental*, Disponível em: www.uel.br/atlasambiental.

Benatti, A. P. (1997). *O centro e as margens: Boêmia e prostituição na "capital mundial do café" (Londrina 1930-1970)*. Tese de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná.

Correa, S. M. (2002). História local e seu devir historiográfico. *Métis: história & cultura*, p. 11-32.

Fresca, T. (2007). *A área central de Londrina: Uma Análise Geográfica*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

Goes, M. B. (26 de junho de 2016). Memória sobre a Vila Casoni. (L. H. Souza, Entrevistador)

Joffily, J. (1985). *Londres-Londrina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Koga, Dirce. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2011.

Marconi, P. (01 de Agosto de 2017). Memória – Mudança no perfil do Colégio Willie Davids. Fonte: Folha de Londrina: <http://www.folhadelondrina.com.br/cidades/memoria-mudanca-no-perfil-do-colegio-willie-davids-983822.html>.

Mello, J. M., & Novais, F. A. (1998). *Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna in: História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras.

Neves, J. (1997). *História Local e Construção da Identidade Social*. João Pessoa: Associação Paraibana de Imprensa.

Oliveira, L. M., & Rizzotti, M. L. (s.d.). *Território, Gestão e História: um estudo da Vila Casoni*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

Penna, T. D. (2014). *COLEÇÃO COMO ARQUIVOS DA MEMÓRIA*. Belo Horizonte: 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”.

Pesavento, S. J. (1995). *Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos vol 8, n 16, p. 279-290.

Pirenne, H. ([original: 1927]). *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Europa-América.

Pollak, M. (1989). *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos.

Pollak, M. (1992). *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos.

Raminelli, R. (2º Edição 2011). História Urbana. Em C. F. Cardoso, & R. Vainfas, *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia* (pp. 175-192). Rio de Janeiro: Editora Campus.

Silva, Z. L. (2006). *OS ACERVOS HISTÓRICOS: GUARDAR PARA QUE E PARA QUEM?*. Assis: Departamento de História – FCL – UNESP.

Souza, É. C. (2008). *Os excluídos do café: As classes populares e as transformações no espaço urbano de Londrina. 1944-1969*. Maringá: Tese de Mestrado pela Universidade Estadual de Maringá.

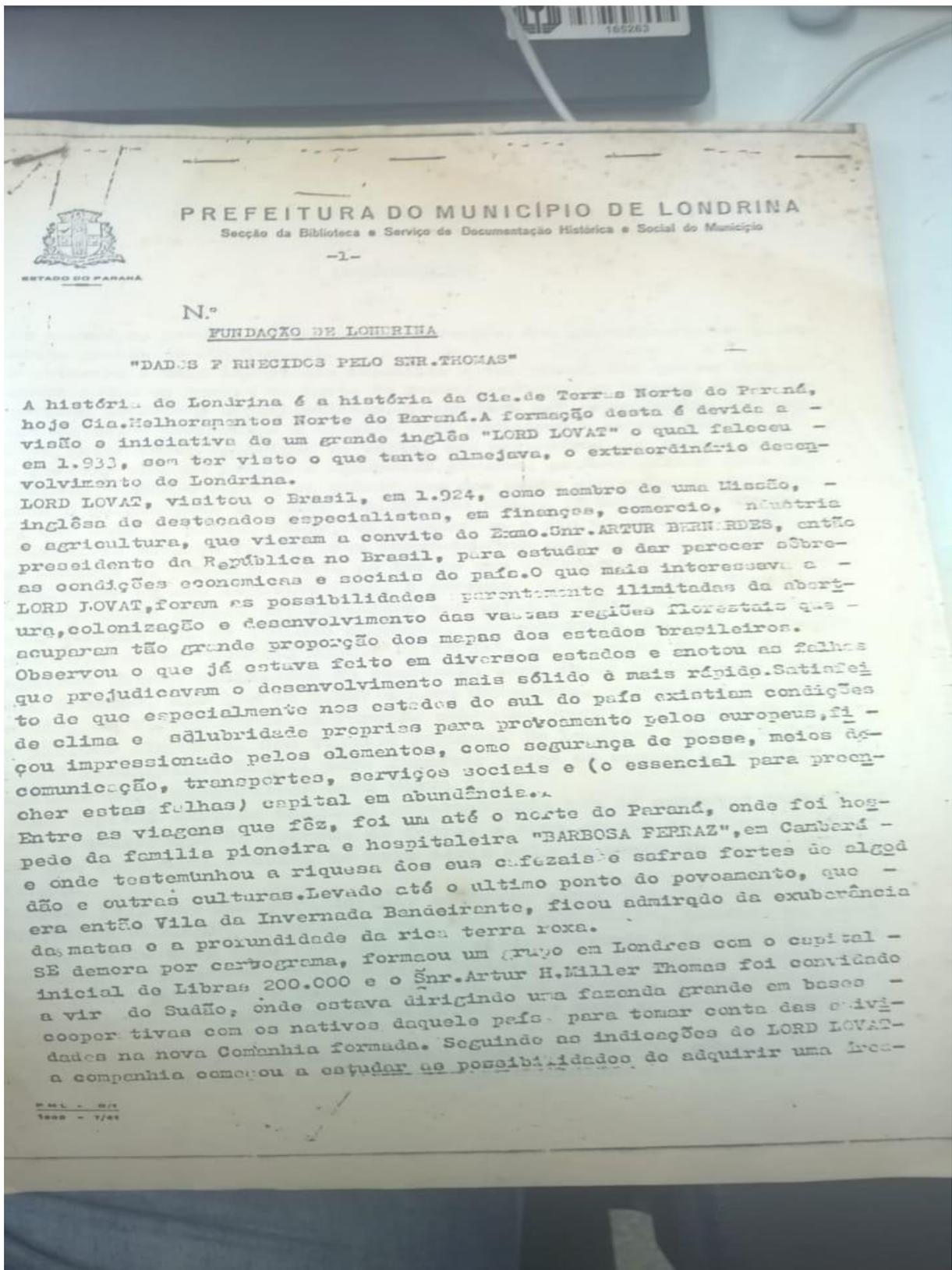
Yamaki, H., Kanashiro, M., & Torres, L. C. (2001). *Reabilitação Urbana Vila Casoni - Vilas como Transformações Aditivas*. Londrina: Semina: Ci. Soc. Hum.

6 – ANEXOS

6.1 Fotos da pasta polionda e caixa arquivo:²⁸



²⁸ A Primeira foto corresponde a uma pasta polionda sem montar, e uma já montada; a segunda foto retrata uma caixa arquivo sem executar, e uma executada. Fotos retirados pelo aluno da Universidade Estadual de Londrina, Leonardo Henrique de Souza (2017).

6.2 Fotos das fontes utilizadas²⁹:

²⁹ Documento utilizado para compor um dos subcapítulos da tese, corresponde a um documento fornecido a prefeitura, através de dados fornecido por Artur Thomas. A segunda imagem refere se a carta enviada por George a seus pais, também pertence ao acervo do IPAC/LDA.

PATRIMONIO LONDRINA

05/4/32

Minha querida Mãe e Pai:

Espero que todos estejam bem em casa e que o Sandy já tenha recuperado da sua forte gripe. O tempo de frie vai chegar logo e o clima de São Paulo é muito ruim no inverno, não é? Aqui o clima é muito bom. Um ár maravilhoso, tão bom quanto qualquer dessas tão anunciadas "estações de saúde".

Estão agora chegando tantos compradores que nos resta pouco tempo para nós mesmos. No domingo passado chegaram 20 pessoas, na noite passada 22 e hoje mais 25 são esperados. Estamos começando a achar que o hotel aqui muito pequeno, Algumas noites até 7 pessoas dormem numa quarto de 4 x 4 metros. Estamos esperando para breve a visita do Mr. Thomas com os diretores da Inglaterra, o General Asquith. Será interessante saber que decisões serão tomadas a respeito de muitas coisas aqui. A estrada de ferro será inaugurada em Jatahy no próximo mes, apenas 22 quilometros daqui e uma linha telefônica de lá até o Hotel da Cia. em Londrina será estabelecida. As coisas estão se tornando mais facéis cada dia agora.

Estive em Jatahy o outro dia visitando o Snr. e Snra. Fraser. Ela tem se adaptado admiravelmente ao seu meio-ambiente e está muito contente com tudo. Ela é uma pessoa muito decante mesmo e já fez muitos amigos. Ela está aprendendo português rapidamente e logo falará melhor do que o Mr. Fraser.

O Dr. Willie e família, ouvi falar, logo virão à sua fazenda novamente. Ele está iniciando outra aqui nas nossas terras. Ele escolheu um lugar maravilhoso e vai plantar café.

Como vão todos em casa? Acho tanta falta de vocês, da sua companhia, duma boa casa, do piano, etc.

Não supponho que possa sair daqui por algum tempo, primeiro por causa da grande serviço e segundo por causa da minha carteira vazia. Alem disso, quero comprar umas terras, se possivel.

Querida Mãe e Pai, envio com esta o meu grande abraço e um enorme saudades.

Amor do
George

George